As capitais do Norte foram para mim uma revelação. Aquêles que não as conhecem jamais poderão ter uma idéia exáta do surto de progresso intelectual que existe nos principais centros do Norte da Republica. Para conhecer o Norte é preciso ter-se a ventura de percorrê-los um a um, convivendo com sua gente e admirando suas iniciativas.

Manaus, por exemplo, assombra depois de percorrer milhas e milhas de deserto liquido em cinco dias de deslumbramento constante, entre florestas espessas cheias de misterios, chega-se a uma cidade florescente, risonha e linda, com o mais belo teátro do país e ingressa-se em uma sociedade culta e requintada que nada fica a dever do que enche os salões paulistanos ou cariocas.

Ao convivio, sente-se na gente amazonense o latejar de uma inteligencia arguta e de uma cultura solida.

Belem tem outra caracteristica. Enquanto que em Manaus a vida é trepidante, na capital do Pará ela é tranquila e serena. As ruas sob as copas protetoras das mangueiras representam, como um simbolo, a bondade amiga da gente paraense. O acolhimento agasalhador e mansueto.

MARGARIDA LOPES DE ALMEIDA

Coriolano DURAND

A SELVA

NUMERO XI

MANAUS, 15 de Abril de 1938

SOB A DOR DE UMA GRANDE SAUDADE

ARAUJO LIMA

Já dominado pela desilusão desta vida — e nem sei si embalado pela esperança de uma vida melhor!... — desencantado deste mundo, sem talvez confiar na compensação de outros mundos..., foi Coriolano Durand atingido pela enfermidade mortal que, em marcha acelerada, deveria em breve fechar o seu ciclo fatal.

Espirito voltado sempre para a fantasia, não sabia encarar a sociedade na sua peor e iniqua realidade... E, por isso, sofreu de modo irremediavel as hostilidades da "após revolução".

(Conclue, adiante)

Paris na A SELVA

(PARIS, 8 DE MARÇO)—

Foi pelo "Diario de Lisbôa", de que sou velho colaborador, que tive conhecimento da A SELVA. (etc.) Pensei que seria mais facil levar Paris a Manaus, e eis porque lhe escrevo. Muito me agradaria pôr ao serviço de A SELVA as possibilidades de que aqui disponho. Vivo aqui quasi em permanencia, ha uns dez anos. Conheço todo este país, e toda esta gente das artes e das letras. Como estabelecer essa colaboração? Gostaria, por exemplo, de lhe enviar, brevemente, uma "Visita a Charles Plisnier", premio Concours 1937", com quem vou almoçar esta semana. Etc. — JOSE' BRUGES DE OLIVEIRA.

A MORTE DE CORIOLANO DURAND

BENJAMIN LIMA

Mostrou-se de uma ironia cruel o destino desse admiravel pensador e artista, fazendo-o vir morrer na terra em que deveria ter passado toda a sua existencia.

Não falo assim porque desdenhe do Amazonas como nucleo de vida espiritual.

Sei por observação acurada e longa, superior a qualquer experiencia, visto como não corre os mesmos riscos de personalismo e de vaidade, que Manaus é um dos primeiros centros de cultura do país. E qual a vantagem de alguem dizer o contrario, sob o domi-

(Conclue, adiante)

O CONTO DA QUINZENA

Sonho de Criança, Magua de Velho

Coriolano DURAND

oo A ALVARO MAIA oo

A senhora Claudel era das criaturas para quem a vida constitue ininterrupto dever — torna-as heroicas, mas asperas.

Aos vinte e sete anos, em 1872, aravam-lhe a fronte de rugas funda tensão de espirito, labuta cerebral sem treguas e o coração dado a austeras afeições, liberto, porém, de sentimentalismo piégas.

Nascera em Reims e aí casara com pequeno comerciante de sedas, do qual houve o seu unico filho, enlevo seu, mas, sobretudo, seu cuidado.

Educava-o atentamente, sem fraquezas, privando-o até dos brincos proprios da infancia, receiosa de que tais futilidades viessem a anquilosar o caráter de Paulo, que ela queria inteiro, varonil.

Viuva, assumira a gerencia da casa comercial e de tal modo se houve na direção dos negocios, que, dentro em pouco, aumentou consideravelmente a sua freguesia, que se tornou mais exigente, obrigando-a a reiteradas viagens a Paris, onde ia abastecer-se dos artigos de sua mercancia. Selecionava-os com inteligencia, conciliando com muito tacto o gosto provinciano dos seus freguêses e as desordenadas leis da moda parisiense.

Naquelas viagens levava sempre o pequenino Paulo, que já contava seis anos.

Ao atravessarem o jardim do Luxemburgo, era indescritivel a expressão de contentamento que se estampava no rosto corado da criança. Como lhe subia toda a alminha aos olhos fascinados por aquela multidão de crianças a saltar, a correr, a folgar!...

Os seus olhitos castanhos, onde palpitavam duas cintilas, voavam, como passarinhos medrosos e admirados, daquela que atirava ao ar a petéca de plumas coloridas á que lançava os circulos multicores do jogo da graça. Mudavam-se irrequietos das que batiam rodas á porfia para as que equilibravam num cordel e a sacudiam para o ar a tentação de um diabolo. Corriam infatigaveis das que empinavam um papagaio ou a miniatura de um aeroplano ás que atiravam piões zumbidores como escaravelhos. Pousavam cheios de ansioso deslumbramento nas pélas que saltam como cabritos, nos risonhos polichinelos, nos trens de ferro, nos carneirinhos crespos e brancos, nas bonecas pimponas...

Ah! tudo aquilo o entontecia!

Mas tambem tudo aquilo trocaria, se seu fôra, com todas as maravilhas da sua alma gentil, por nada mais do que um carro, um simples carrinho, que lá ia sulcando a areia saibrosa das áleas, puxado por uma verdadeira cabra, lanzuda e cinzenta, guiada por um cocheirito da sua idade.

Quem lhe dera um carrinho assim!

—Mamãe, se tu me comprasses um carro como aquêle?...

A senhora Claudel, com aquela serenidade que géla e aniquila vontades que se lhe aproximem, declarou em voz lenta, silabando bem as palavras:

—Não tens necessidade de um carro daquêles. Tens as tuas pernas — devem bastar-te.

Pequenina e furtiva lágrima derramou-se dentro das palpebras do petiz. As palpebras, porém, absorveram-lh'a num momento.

—Sim, mamãe.

E os seus olhitos castanhos volveram-se lentamente para o carrinho que êle desejava seu e se distanciava tirado pela cabrinha cinzenta e lanzuda, fugindo como um sonho — o seu grande sonho de criança.

* * *

Paulo Claudel crescera, fizera-se rapaz. Estudou, sempre sob a vigilancia atenta e inflexivel de sua mãe; completou o curso de direito e é hoje o escritor que a França e o mundo admiram.

Aquêle sonho, cuja realização êle sentia arredar-se mais e mais á medida que os anos se iam amontoando, continuava a bailar, vivo, dentro da lembrança dos quarenta e oito.

A grande guerra desencadeou-se como pantera esfaimada.

Paulo partiu para a linha de batalha.

Lá, com uma citação em ordem do dia e uma venera de guerra, o escritor-soldado conquistou as honras de herói em troca das duas pernas, que uma estilha de granada ferira irremediavelmente.

Hoje, Paulo Claudel passa os dias, longos como a dôr, em companhia de uma criada e da senhora Claudel, cujos cabelos setenta invernos embranqueceram, a recordar todos os martirios das trincheiras, mixto de sangue, lama e gemidos, metido entre as guardas de uma cadeira de rodas, curtindo amarguras sem remedio.

Miseria!... A neve amarnôtava-se ao sol que a fundia, inteiriçando membros, enlodando-os, enfermando-os. Os brados de vitória mesclavam-se aos clamores de derrota em acórdes macabros. Miseria!...

A fome de espreita, a parelhas com a metralha, matando, aleijando, enlouquecendo. Nas folgas, por causas geradas naquêle inferno, a loucura fincava unhas afiadas no cerebro do misero soldado, que, em vez de repouso, encontrava as torturas da alucinação. E, no meio dos borrões de luz das granadas, a cegueira, a surdez, a paralisia... Miseria! Miseria!...

Recordava tudo aquilo em uma casa perto do Luxemburgo.

Das janelas, junto das quais passa a maior parte do dia, pode êle avistar o magico paraiso que gerara — ha quanto tempo já vai isso! — o seu primeiro sonho.

Só não avista o carrinho puxado pela cabrinha lanzuda, que, ha muitos anos tambem, desaparecera das encantadas áleas e só continúa a existir dentro da alma de suas recordações.

E os dias vão passando lentos, lentos...

Dos seis, chegara êle aos quarenta e nove, ao seu dia natalicio, em 1915.

Arrancado á contemplação a que em frente á janela se dera das arvores do jardim, núas das folhas que o outono desprendera dos galhos, algodoadas da neve que o inverno derramara na vespera sobre êles, Paulo Claudel, com um sorriso chumbado aos longes do passado, disse á sua mãe, que o despertara do seu doloroso alheiamento:

—Ha quarenta e tres anos que eu vi pela primeira vez aquêle carrinho — lembras-te, mãe? — puxado por uma cabra cinzenta. Não imaginas a fascinação que no meu espirito infantil exerceu aquela minuscula carruagem!... Como foi torturante o desejo que me tomara de a possuir! Pedi-te uma... Negaste-m'a. Nunca, oh! mãe, formarás idéia da magua imensa que me supliciou o coração desbordante daquêle desejo que não quizeste realizar. De dia, só no carro eu pensava; de noite, os meus sonhos eram êle, sempre êle, delicioso, meu muito e só meu, como secretamente meu era o pesar que o despertar me trazia. Quantas vezes, depois que para Paris nos mudamos, não me fui sentar áquêle banco, que lá vês perto de uma moita de lilazes, só para lhe admirar as linhas harmoniosas e o passo faceiro, miudinho da cabra cinzenta que o puxava!...

Calou-se por momentos, atufado no extase daquelas agridoces recordações, sob o olhar curioso da senhora Claudel que o escutava em silencio.

—Um triste dia, o carro não apareceu mais. Morrera a cabra, talvez. Apesar de já homem, senti pungir-me a dôr de uma ferida. Dir-se-ia que aquêle veículo era a projeção dentro em meu ser, no meu eu de adulto, da grande, da enorme esperança que adormentara a alma dos meus primeiros anos. Teria morrido a criança que o guiava? Não sei... Desaparecera o carrinho, desaparecera a cabra lanzuda... Morrera alguma cousa dentro de mim mesmo...

Sentia-se estrangulado — calou-se. Depois de alguns momentos de mergulho na dôr da sua saudade, murmurou como em sonho.

—Esvaira-se a amena sombra com lancinante pungir, como um estirpamento.

Olhou para o jardim, para os braços descarnados e negros das arvores, estendidos para o céu desesperadamente, ourelados de neve.

Depois, num assomo:

—Mãe, por que me negaste aquela ventura que hoje me apavora?

A senhora Claudel estava muda, pálida, estupefacta, como afligida de admirativo espanto em face de inconcebivel monstruosidade.

—Parece-me que desde aquêle dia, continuou Paulo, não mais foste a minha dôce mamãe. Foste-me só atenta protetora, clavicularia incorruptivel do frio dever, do dever que se não estima. Foste apenas minha mãe, que me queria bom, mas não me queria feliz. Agora, o teu filho estropiado, cheio de glorias de recordações hispidas, não tem, para rememorar, um só trecho macio da sua infancia, porque não teve a alegria de ver, de o ver acordado, o seu velho, o seu unico, o seu indelevel sonho de criança.

Pesou silencio sobre ambos. E, dentro daquêle silencio, lágrima vagarosa e muda correu dos cansados olhos da senhora Claudel.

Lá fóra, as arvores desfolhadas, galhos hirtos sob o debrum algodoado de neve, inteiriçavam-se no ar sereno, como cadaveres de sonho.

* * *

A's quatro horas, a senhora Claudel entrou no quarto do filho.

—Paulo, não queres dar um passeio pelo jardim? O tempo está claro, o ar lavado...

A sua voz era suave, borbulhando, como uma incoerencia, do meio das suas feições hispidas de virago.

—Nada te posso negar, mãe.

A senhora Claudel pousou sobre o filho triste olhar de censura.

—Por que não me chamas "mamãe"? disse ao cabo de segundos, passando-lhe a mão carinhosa pelos cabelos grisalhos.

(Conclue na pagina 15)

A morte de Coriolano Durand

(Continuação)

nio de sentimentos mais ou menos vis, uma vez que se trata de coisa tão manifesta?

Não ha visitante inteligente e honesto daquele Estado que volte sem dividir as manifestações do seu pasmo entre a obra da natureza e a do homem.

Acabou-se, pois, desde muito, á genuina lenda, e lenda do pior matiz, por isso que de fachada cientifica, segundo a qual sòmente o suposto rei da criação resultaria miseravel e infimo, no meio de tantos esplendores.

A verdade é bem outra: e se os primeiros pesquizadores não na viram, foi por efeito de algumas ideias preconcebidas, como seja, por exemplo, a de que nem uma grande civilização póde florescer debaixo dos fogos do Equador.

Manaus desfez por todos os modos esse preconceito. Progrediu no corpo e na alma. E não satisfeita com o ser uma "urbs" civilizada, onde imperam as multiplas invenções do conforto e da elegancia, é tambem uma cidade culta, onde encontram atmosfera propria não só as mais exquisitas vibrações da sensibilidade, como até os mais estranhos sobressaltos do pensamento.

Bastaria, de resto, para colocar semelhante fato acima de qualquer discussão, a circunstancia de muitos escritores que têm hoje renome firme e fulgurante no Brasil inteiro, haverem completado o seu ciclo, e dilatado até ás extremas do territorio comum a zona de sua influencia, conservando muito embora o seu domicilio em Manaus.

Era, porém, especialissimo o caso de Coriolano Durand, devido aos rumos por que nêle se havia principalmente decidido a vocação literaria — os rumos ingratos e perigosos para onde leva, entre nós, o gosto pelo teatro.

Não que lhe faltassem os pendores e as aptidões reclamados por modalidades outras da literatura.

Conhecendo profundamente o nosso idioma, e sabendo manejá-lo com desenvoltura e perfeição, explorou todos os generos literarios com um diletantismo a que o condenava essa inconstancia, mas do qual nunca provieram mediocrida-

(Conclue, adiante)

BENJAMIN LIMA

CORIOLANO DURAND —PROFESSOR DE FRANCÊS

Para A SELVA

Entre as virtudes intelectuais que exalçavam a mentalidade de Coriolano Durand aquêla que, ainda na minha juventude, me tornou seu grande admirador foi o conhecimento profundo da lingua francêsa.

Discipulo dilèto de meu Pai, quando ensinava no antigo Liceu, desde cedo acalentou a esperança, que fez realidade, de ser seu sucessor na cátedra do Ginásio Amazonense.

Mercê dos seus estudos de latinidade, feitos para o fim colimado, conseguiu Coriolano Durand dominar, com rara galhardia, todos os segredos da lingua de Racine.

Não o contentava o conhecimento do fáto linguistico, em si; seduzia-o a ansia de desvendar-lhe a razão de ser.

E foi com o espirito absorvido pela sêde de perscrutar a causa e o porque das cousas que êle estudou e aprendeu o francês.

A tese com que Coriolano Durand disputou memoravel concurso á cadeira de francês do Ginásio Amazonense, sob o titulo "Des Alterations Phonétiques", é a confirmação de que, não satisfeito de conhecer os fátos gramaticais do belo e donoso idioma de Corneille, procurou descobrir-lhes a razão de ser, mergulhando a sua radiosa inteligencia na investigação das origens da lingua, que lecionou com superior maestria, convicto da verdade desta lição de Emile Deschanel: "on ne peut dire qu'on sache véritablement le français, si l' on ne voit pas clairement, presque dans chaque mot et dans chaque tour de phrase, les rapports qui unissent le français moderne au français ancien".

Estilizada num francês purissimo, de ressonancias cristalinas, a tése de Coriolano Durand resume as doutrinas vulgarizadas por Diez, Brunot, Brachet, Loiseau, Gaston Paris, Regnaud e outros eminentes filólogos, guardando, todavia, um cunho de originalidade que falta á maioria dos trabalhos dessa natureza.

Porque, Coriolano Durand possuia, sobre todas, esta excelsa virtude: uma inteligencia de escól, que assimilava todas as leituras, sem a elas se escravizar, na essencia ou na fórma.

VALDEMAR PEDROSA

O periodico de maior circulação nos municipios do Amazonas e Acre

Diretor: SILVERIO-CLOVIS BARBOSA
Diretor-responsavel: CLOVIS BARBOSA

NÓS vamos é tomar pulso da terra; consultar a floresta.
RAUL BOPP.

REDAÇÃO E GERENCIA (provisorias)
AVENIDA SETE DE SETEMBRO, 649
CAIXA POSTAL, 297 — TEL. 69
ASSINATURA, ANUAL, PARA TODO O BRASIL - 15$000

Ano I — Num. 11 | MANAUS — 15 de Abril de 1938 | *16 paginas — $400*

T U R I S T A S

ESPECIAL PARA « A SELVA »

Nunes PEREIRA

Desde que se aperfeiçoaram os meios de transporte erram sem cessar, pelo mundo afóra, no bôjo de suntuosos transatlanticos ou de simples "cargoe's boats", alguns milhões de individuos cujo tipo a caricatura, a anedota, o romance já vulgarizaram.

Quem não identificará, com um simples olhar, essa horda — afortunada para uns e desgraçada para outros — de turistas deste e do outro lado do Atlantico?

O homem enverga, invariavelmente, um terno de brim, de tussor ou de palm-beach ou, quando chique, um paletó de côr berrante sobre calça de flanela. Defende-lhe o craneo um vasto chapéu do Panamá; oculos de lentes esfumadas ou verdes lhe amparam a vista contra a inclemencia do sol; resguardam-lhe os pés andejos sapatos brancos de lona e solado de borracha, á falta de cabedal mais fresco.

Pende-lhe do pescoço um binoculo e balança-lhe á mão direita uma Kodak ou uma Laica.

A mulher traja branco, — um "tailleur" de linho inglês, do melhor — sobre peças intimas sumarissimas.

Tem á cabeça um chapéu, de abas largas, de palha da Italia ou do Chile.

E entre os seus olhos e a paisagem e os tipos e os costumes interpõe oculos, do mesmo formato dos que exibe o companheiro.

E si com essa gente viaja uma criança o trajo, de menina ou de menino, é uma graciosa miniatura do trajo de adulto.

Não é dificil, como se vê, identificá-los pelas linhas externas que mostram; mas, interiormente, do ponto de vista da psicologia individual, como será este ou aquêle turista! ?

E' o que sempre me preocupa saber, quando os defronto, tambem eu, em minhas incessantes viagens.

Não é identica, evidentemente, a psicologia de um turista que vai ao Rio, a S. Paulo, a S. Salvador ou a Recife.

Ha os que, vindos de grandes centros europeus ou americanos, esperam encontrar, deste lado do Atlantico, hoteis, lojas, livrarias, casinos, prostibulos, "courts", pistas que lhes são familiares em Paris, em Berlim, em Londres, em Roma, em Nova-York, em Buenos Aires ou em Montevidéu.

Ha os que, mal desembarcados, em qualquer dos portos brasileiros, querem voltar as costas á civilização ou ao arremedo dela, rumando para o interior do País.

Mas ha o tipo de turista que nem abre mão do conforto nem quer deixar de ter contáto com a nossa naturalêsa, as nossas gentes e as nossas coisas.

E ha outros tipos, de psicologia mais complexa, — artistas, politicos, industriais, homens de negocio — que repousam... trabalhando, para os quais o turismo é apenas um tapete-magico a que abando-

(Conclue, adiante)

Sob a dor de uma grande saudade

(Continuação)

Alcançado pelos salpicos da vasa, que sacudira a preamar revolucionaria, nunca pôde se conformar com os apôdos, invetivas, objurgatorias dos adesistas, armados em cristãos-novos, a se disputarem os maiores galões dos batalhões de "profiteurs", que Outubro de 1930 improvisara...

Escasseava-lhe essa indiferença superior, esse supremo desprezo, que todo o homem politico deve liberalizar aos "abissinios" de todas as côres e de todas as latitudes, aos insultadores profissionais, aos salteadores das reputações impolútas, que, por intactas, integras na sua grandeza, mais apetite despertam nos vorazes assaltadores da honra dos que a têm.

Seu confidente interessado, recolhi-lhe sempre, procurando anulá-las, as magoadas razões de um ressentimento profundo e irremovivel, que o acabrunhava até a vontade obstinada de abandonar a terra ingrata, ou que, pelo menos, tanta gente ingrata abrigava... E, afinal, um triste dia deixou-a para sempre, para, em pouco, deixar esta vida das tremendas injustiças, das dôres tremendas!

* * *

Com Coriolano Durand, perde o Amazonas um dos seus talentos mais multiformes, por incontaveis facetas revelado, em sua atividade incessantemente renovada.

Era uma capacidade complexa, variadissima, capaz — sem exagero — de todas as aptidões uteis e ilustraveis. Fazia de qualquer habilidade um "sport", em que se exercitava, treinava-se metódica e sistematicamente, até se fazer agil, destro, campeão muitas vezes. Conheci-o na adolescencia, um destemido acrobata, que nos encantava, a todos nós mais moços do que êle; assim como, na maturidade do ser pensante, vim admirá-lo na presteza, na agilidade do espirito, na destreza em trabalhos manuais de qualquer especie, a que sua inteligencia curiosissima o levasse. Desfrutava saude integral, até além dos cincoenta anos: "mens et corpus"... Depois o corpo começou a baquear. Era uma inteligencia clara, compreensivel a todas as questões, voracissima na assimilação, devoradora e insatisfeita, aparelhada daquela curiosidade, que é a faculdade maxima na formação mental, e que, não raro, chega a ser inconveniente, constrangedora, senão embaraçante algumas vezes...

Tendo logrado a ventura de se ilustrar sem se doutorar, num país "de doutores" nem sempre convenientemente alfabetizados, conseguiu ser "douto sem ser doutor"... Gra-

(Conclue á pag. 4)

ARAUJO LIMA

Aguia morta

AGNELO BITTENCOURT

Logo que recebi a noticia do falecimento do Prof. Coriolano Durand, veio-me á mente a grande aguia de bronze, caída, com o peito virado para o céu, azas quebradas e distendidas, simbolisando, em Waterlôo, a queda de Napoleão Bonaparte após tantas glorias das armas francêsas. Somente a fatalidade do destino poderia pôr termo á carreira triunfal do inegualavel soldado. Assim tambem só a crueza da morte interromperia as cintilações da inteligencia e da cultura daquêle saudoso mestre. Conheci-o desde joven, quando êle frequentava as aulas do "Ateneu", de propriedade do Dr. Jonatas Pedrosa e onde pontificavam o Conego Israel Freire da Silva, Sebastião de Macêdo, etc. A esse tempo, estudante do "Instituto Normal Superior" (depois transformado no atual Ginásio Amazonense), ouvia falar do talento do menino Corió, assim o chamavam na intimidade.

Os jornaizinhos coévos estampavam suas produções poeticas reveladoras de espontanea inspiração. E' pena que não estejam colecionadas, como prova de uma forte e rara sensibilidade e de um cérebro, em combustão, perlustrando os pincaros do Parnaso.

Aproximamo-nos nas lides do magisterio. Durante 28 anos, trabalhamos juntos, no Ginásio e na Escola de Comercio "Solon de Lucena". Penetrei fundo aquela alma de artista e aquêle intelecto privilegiado. Ao seu contáto, na fluencia da sua prosa, quasi sempre humoristica, meu entendimento deleitava-se nas irradiações de novos panoramas de idéias,

(Conclue na pag. 16)

SOB A DOR DE UMA GRANDE SAUDADE

ARAUJO LIMA

EXCLUSIVO PARA A SELVA

Conclusão

ça que poucos merecem.

Acessivel, incrivelmente, a todas as manifestações de cultura do intelecto, decididamente sua vocação maxima foi o teatro; e, essa, revelou-o logo ao alvorecer de sua mocidade, aqui no Rio, ha mais de quarenta anos, quasi fazendo-o gravitar para o palco, sob a fascinação que sobre sua alma de adolescente sugestionavel exercera o já, então, célebre Novelli, na esteira de cuja trajetoria luminosa — e aí deixo escapar indiscretamente a confidencia a mim segredada por um parente comum — esteve prestes a se deixar arrastar... Mas o teatro permaneceu a sua grande paixão. E, se escapou de ser atôr, dramaturgo foi, e dos melhores. Faltou-lhe apenas o ambiente, segregado como viveu na provincia, sendo que bastante tempo no nosso sertão. Em meio propicio, seria dos grandes autores teatrais; e dos mais fecundos

Comediógrafo, revelado no "Vende-se", peça de costumes, e reafirmado, por ascenção sublimadora ás paragens da dramaturgia moderna, na sua grande obra "A chama"; "conteur", comprovado em paginas flagrantes de vida e de emoção, deixou, quasi todos inéditos, contos notaveis, tocados, alguns, dos fremitos que humanizaram as creações de Maupassant; sacudidos, outros, pelos arrepios que nos amedrontam nas produções de Edgar Poe; jornalista, dispunha de recursos prontos, e bem raros em muitos que se inculcam profissionais no "metier"; critico, possuia o senso agudo de auscultar a obra de arte, surpreendendo-lhe os primores e as imperfeições; mas, como "causeur" humoristico, é que revelava a modalidade mais caracteristica de seu talento, cultor e rebuscador do anedotário, com cabedal incrivel e inesgotavel.

Lia tudo e era susceptivel de se apaixonar por todos os assuntos. Conhecedor da lingua portuguêsa, em seus segredos e dificuldades, manejara-a com apurado esmêro, que o levava ás vezes a uma forma tão tersa, que para certos paladares corrompidos se afigurava castiça demais, para não dizer dura e aspera.

Discipulo dilético do grande mestre que foi Jonatas Pedrosa (Pai), dedicou-se desde muito jovem ao cultivo do francês, em cujos estudos se especializou, aprimoradamente, dispondo de um cabedal de erudição rarissimo entre professores de linguas em nosso país. Traquejado na prática da lingua francêsa, falava-a irreprochavelmente. Eu mesmo, em Paris, de uma feita, em distinta roda, colhi esta exclamação escapada a uma ilustre dama parisiense: "Mais, c'est épatant! Monsieur Durand parle comme un français; comme il parle admirablement le français!".

Era um espirito de fascinações: Freud foi uma delas. Leu-o literalmente, estudou-o, quasi por sua obra ficou obcedado...

Habilissimo em quaisquer trabalhos manuais, era eximio desenhista, colaborando com engenheiros construtores e arquitétos em obras apreciaveis, sendo êle proprio capaz de concepções dignas de aprêço como no plano e execução dos "bungalows" da Prefeitura á Praça da Saudade.

Seu senso das artes plasticas patenteou-se inexcedivelmente, como orientador e modelador, nos trabalhos de decoração a estuque executados em 1929 no salão nobre da Prefeitura de Manaus, sua creação maxima. O relogio publico, construido pela Municipalidade, foi obra sua.

Pintor, fixou na tela, com maestria, aspectos da paisagem amazonica, capazes de figurarem na galeria em que sobressaem produções de Olimpio Menezes e Angelo Guido, seus maiores interpretes.

Secretario da administração municipal de 1926 a 1929, não foi um burocrata que se limitasse á "preparação do expediente"; menos preocupava-o a burocracia, — assistido por consumados funcionarios municipais chamados a colaborar diretamente com o prefeito, — porque a sua função era acentuadamente técnica, em ação na atividade das obras publicas, inspecionando-as, orientando-as, incrementando-as

Em materia de aptidões era o que, pitorescamente, se pode chamar um "faz-tudo". Para ilustrar esta afirmação saiba-se o seguinte: como o vitorioso pianista Mario Neves, admirando a multiplicidade de seus talentos, lhe perguntasse si se arrojara a alguma composição musical, Coriolano Durand encaminhou-se para a sua estante, de onde desengavetou uma, convenientemente impressa, com todas as colcheias e semi colcheias, indicativas de feliz inspiração...

Como todas as capacidades fecundas e improvizadoras, foi mal aproveitada a sua, devido ao criterio de seleção inverso que nortêa — ia arriscando "desnortêa" — os administradores brasileiros, quasi na sua generalidade. Para muitos, seria apenas um brincalhão.

E até mesmo em certos circulos dos cenaculos culturais da sua provincia, em que se presumem congregados os "mais altos expoentes"..., havia-os, ainda os ha certamente, houve sempre os que não conseguiam tomá-lo a serio... Coitado: "C'est de leur faute... ils n'ont pas compris"...

Por um erro de compreensão — gerado por "bôa fé" no juizo elementar dos incapazes e por "má fé" no conceito torpe dos capazes, ou "soi disant"..., — verdade é que Coriolano Durand não foi, por todos, bem julgado, porque mal compreendido. Mas foi querido, e admirado, e festejado sempre pelos elementos realmente cultos, selecionados, dotados de senso critico lavado de perfidias, defecado da perversidade elegante com que se nutre a "blague" de certos despeitados, mal disfarçados em ironistas... "manqués".

* * *

Assistindo a fase crepuscular daquela existencia tão cara para mim, a qual uma chama interior sempre iluminára, através de todo seu transcurso, mesmo em certos periodos ingratos, duros, adversos; fechando-lhe os olhos á visão, já conturbada, das cousas deste mundo, para deixá-los abrir, talvez, á claridade de outros mundos; contemplando-o na imobilidade da atitude definitiva, sepulcral, repousado naquêle sôno de que ninguem desperta, mas, em que — talvez! — se sonham belos sonhos!...; vendo-o imergir para sempre na tétrica obscuridade da catacumba n. 1.596 do Cemiterio de "São João Batista"; opresso pela saudade e pela mágoa de ver desaparecer mais um dos meus poucos amigos, dignos dessa denominação, deixei-me perplexo, por alguns instantes, vencido pela dôr e alheiado da realidade circundante, para de novo, em seguida, abandonar-me ás amargas reflexões sobre a iniquidade do destino, que, tanta vez, constrange e aniquila o mérito real, apagando-o, empanando-o, embaraçando-o, em todas as tentativas de seus almejados vôos.

EXCLUSIVO, NO NORTE, PARA A SELVA

O PATO DONALD

Viana MOOG

Em materia de desenhos animados sou francamente partidario do pato Donald. Ha quem prefira o Mickey Mouse ou Poppey, o marinheiro do espinafre. Eu fico firme com o pato Donald. Ao meu ver, é a mais original e estupenda creação de Walt Disney.

Mickey Mouse não deixa de ser formidavel, mas tem antecedentes historicos: na literatura, D. Quixote; no cinema, Charlie Chaplin. No fundo de todas as suas ações está sempre o romantismo. Poeta, musico, escultor, trovador, espadachim, principe, ha invariavelmente uma Dulcinéa em seu destino. Por ela é que luta, trabalha e vence. Este o traço que o torna eminentemente simpático nos tempos prosaicos que atravessamos.

Poppey, formidavel invenção de Segar, tambem conta com uma vasta ascendencia historica. Vem em linha réta das paginas da Odisséa. Esteve com o Rei Artur na Távola Redonda e com Cid em suas andanças. Depois, no tempo de Richelieu, com o nome de Athos, Portos ou Aramis, pode-se afirmar com absoluta certeza que foi amigo de D'Artagnan.

Pelo visto, tanto Mickey Mouse, como Poppey, apezar de interessantissimos, não são rigorosamente originais.

Todavia, com o famigerado pato Donald já não se dá o mesmo. Donald é absolutamente original. Não tem em literatura antecedentes citaveis. Pelo menos, antecedentes com credenciais de simbolo.

Se eu tivesse que votar em alguem para a iconografia dos atucanados, dos neurastenicos, dos inconformados com a propria mediocridade, votava nêle. Para o caso não ha outro como o pato Donald. Ele representa melhor do que ninguem esta casta de gente que a fatalidade condena a andar pela vida, fazendo força, acotovelando, empurrando, rabujando e levando sempre na cabeça.

Nada lhe é mais odioso do que viver na obscuridade. Absolutamente não se rende nunca á idéia de representar um papel de segunda ordem. Daí a força brutal que faz para aparecer, estar em evidencia. Vai a todas obcedado por esta idéia fixa. Mas o pobre — e aí reside toda a sua desgraça — não tem geito para triunfar, se não pelo ridiculo. Não tem proposito para cousa alguma. Nem beleza, nem compostura, nem respeitabilidade. Para chamar atenção sobre si, só conhece uma maneira: grasnar. Maneira inconveniente e precaria de fazer carreira no mundo dos nossos dias. O mundo contemporaneo só reconhece duas fórmas de celebridade: a que se consegue com a inteligencia e a que se consegue com o muque. E nada disso se entende com o pato Donald. Para atléta evidentemente êle não dá. E' tão pequeno que, se lhe cortassem as pernas, continuaria do mesmo tamanho. Para intelectual tambem não, por causa da burrice. Sim, porque só ha uma coisa comparavel á sua vaidade: a sua burrice.

Sómente não dá por ela o proprio Donald. E' impermeavel. Por isto está condenado a uma perpetua alternativa entre a pancadaria e o ridiculo. Ser ridiculo é a unica maneira que lhe resta de ser diferente. Que drama! E' tanto mais doloroso porque não inspira piedade. Ele só se bate por vaidade. Não é como Mickey, Poppey ou D. Quixote que se batem por amor ou por convicções. Quer ser tragico e apenas consegue ser grotesco. Daí a sua permanente atucanação.

O seu erro essencial é não desistir, não compenetrar-se de que nasceu mesmo para pato. Onde quer que esteja procura ser admirado. Não engeita ocasião. Vai, por exemplo, a um ring de box. Daqui a pouco está de luvas calçadas e apanhando a não poder mais. Coitado, não tem geito para atléta. Só uma coisa existe nêle adaptavel ao mistér: curteza de inteligencia. No mais, pequenino, enfesadinho, vê-se logo que não nasceu para herói. Donald, entretanto, não se conforma. E' de uma incrivel tenacidade no ridiculo. Grasna. Xinga meio mundo. Desconfia da outra metade. Sofre da mania de perseguição. Vê em tudo trapaça e patifaria. Quer brigar a todo o transe. Provoca a assistencia. Agita-se, luta e termina como sempre: levando na cabeça.

Outras vezes acontece de Donald ir a um teátro. Se se trata de uma opera, o minimo que imagina logo de saída é substituir a prima-dona. Pula em seguida ao palco para grasnar. A platéa abafa-lhe a voz com uma vaia. Como êle acredita que grasnar e cantar são a mesma coisa, não se dá por vencido. Outro qualquer baixaria a cabeça, e sairia, confundido, humilhado. O pato Donald, não. Com êle não tem conformidades. Ha de fazer com que gostem de sua voz, nem que seja a páu. Quer forçar tudo: gostos, predileções, convicções e até admirações. Está disposto a fazer-se admirar a qualquer preço e de qualquer modo. Talento, só êle o tem. Beleza, idem. A razão foi inventada para que êle a possuisse, com exclusão de todos os outros. Se comparecesse a um velorio acabaria insultando o defunto, porque as homenagens não se dirigiam a êle, Donald.

Fixados estes dois traços fundamentais de vaidade e burrice, na psicologia do pato Donald, é facil antever como êle reagirá em face de qualquer situação. Primario e troglodítico como é, suas reações são sempre trogloditicas e primarias. Nada de meios termos. Nada de nuanças entre branco e preto, entre alto e baixo; nada de meias sombras, de meias tintas, de meias medidas. Inutil explicar-lhe que em filosofia ha conceitos contraditorios e contrarios; que entre os contrarios cabem meios termos. Ele vê em tudo contradições irredutiveis. Entre o anão e o gigante não admite a classe intermedia dos homens normais. E' preciso, ou que os gigantes acabem com os que não são gigantes, ou que os anões liquidem os que não são anões. Mas, se é facil imaginar como reagirá o pato Donald em face das situações, vai já se tornando difícil imaginar situações onde a sua reação redunde em alguma surpreza. Como nos desenhos animados a imaginação póde agir á vontade, figuremos uma coisa bem extravagante. Mickey Mouse, a vaca Clarabela, o elefante Elmerindo, o cachorro Pluto, o cavalo Horacio e o indefectivel Donald sáem da aula onde acabam de ouvir a explicação do mestre escola sobre a organização do sistema planetario. Mickey Mouse, que é o homem das iniciativas, propõe representar no palco dos bichos o sistema solar. Todos concordam. Donald resmunga. Depois concorda, porque lhe oferecem o lugar de sol. Os outros, para evitar barulho, transigem. Está assentado: o pato Donald é o Sol, o rei Sol. Em seguida são distribuidos os outros papeis. O elefante Elmerindo é Netuno. A vaca Clarabela, a Lua, o cavalo Horacio, a Terra. Começa o ensaio o primeiro.

—Quem é você — pergunta Mickey Mouse, o ensaiador, para aquilatar da firmeza de cada um no respectivo papel.

—Eu sou Marte — responde Pluto, o cachorro.

—Quá, quá, quá, não senhor, Marte sou eu, brada o pato Donald. O ensaiador, para contornar encrencas, vai adiante.

—E você?

—Eu sou a Lua, responde a vaca Clarabela.

—Quá, quá, quá, a Lua sou eu, berra de novo o insuportavel Donald. Porque depois que se viu feito Sol, quer ser todo o sistema solar. Nada chega para a sua vaidade.

Eu tinha vontade de ver o pato Donald na politica ou no jornalismo. Na vida publica não estaria nunca satisfeito com coisa alguma. Chamaria a todo o mundo de ladrão e canalha. Dignidade, patriotismo, compostura, seriam privilegio dos seus correligionarios. Para êle seria insuportavel a idéia de que tais coisas pudessem siquer ser objéto de cogitação, fóra de sua grêi. Se tomasse parte numa revolução, ainda que para atrapalhar, ficaria indignado se não o chamassem logo para o governo. Sim, porque pato Donald não admite e acha mesmo insuportavel que se possa fazer qualquer coisa bem feita, sem êle.

No jornalismo, só poderia estar ou em jornais da extrema esquerda ou da extrema direita. Inutil imaginá-lo no centro. O centro é o equilibrio, a malicia, a finura, o tacto, a inteligencia, humildade cristã, ante a complexidade dos problemas e dos sistemas que se disputam a primasia de resolvê-los. Ora, o pato Donald é a negação de tudo isto. Ele precisa estar num dos extremos por dois motivos: primeiro pela necessidade de se atracar a alguma coisa; segundo, porque em qualquer dos extremos ha sempre duas ou tres idéias clichés perfeitamente adaptaveis ao seu cerebro tipo motor a gaz pobre, que só funciona mesmo com combustivel barato.

Pato Donald na direção de um jornal seria adoravel. Com a sua ignorancia, a sua estupidês, a sua fatuidade e suficiencia, ninguem ia poder com a vida dêle. A ciencia, ia sabê-la toda. A verdade, só êle a teria. Honestidade, grandes intenções, altos propositos, não admitiria que se falasse nisso fóra do ambito de sua apreciação fulminante, inapelavel, definitiva. Quem havia de aproveitar e gozar com êle seriam os auxiliares. Porque, para mostrar o seu muque literario, ia fazer questão de escrever desde o artigo de fundo, até a critica literaria, os titulos e sub-titulos. Se se tratasse de jornal da esquerda veria burguêses sem sensibilidade em cada canto e proclamaria todos os dias a necessidade do operariado saír para a rua armado de chuços e vara-paus, tocando a rebate, ao som da Internacional. Se em jornal da direita, contrairia em seguida a obcessão de ver comunistas por toda a parte. Não podia ver um indiferente sem tremer. Porque não ha nada tão parecido com o pato Donald da esquerda, quanto o pato Donald da direita.

Aí de Jesus, se tornasse á terra para perdoar a pecadora, dizendo-lhe com sua mansa palavra de bondade: Vai e não peques mais. No outro dia apareceria o seu retrato no jornal do pato Donald, com este titulo gritante e indignado: R-E-L-A-X-A-Ç-Ã-O. Subtitulo: A dissolução dos nossos costumes.

Aí de S. Francisco de Assis se oúsasse ainda uma vez distribuir com os pobres todo o seu dinheiro! Teriamos uma noticia mais ou menos ao geito daquela de que falava o Fradique Mendes ao seu amigo Bento:

—O comunista Francisco de Assis, sob o olhar complacente de nossa policia, anda por aí a distribuir com os malandros o dinheiro que roubou á Porciuncula. De ha muito que está a soldo de Moscou e ninguem toma providencias. Só não vê isto quem não quer. Pobre patria!

Fanatico o pato Donald? Não. A principio pensei que fosse. Mas não é o caso. E' um simples cabotino. O que êle quer é chamar a atenção. Um fanatico, com a sua sinceridade, é afinal de contas um tipo respeitavel, chame-se êle Savonarola ou João Knox. O seu destino é sempre tragico. Ora o pato Donald é precisamente para o que não dá. E' naturalmente ridiculo. Não precisa fazer nenhuma força para isto. Pousa para tragedia e tudo com êle acaba em comedia, o que, aliás, não deixa de ser tragico a seu modo. No mais, não é bom, nem máu. Apenas vaidoso. Nada mais do que um pobre cretino que se esbofa por aparecer. Engraçadissimo.

E' por tudo isto que acho o pato Donald insubstituivel. Tenho mesmo por êle uma grande ternura. Que diabo, tenho tambem o direito de gostar dos animais.

* * *

O velho Renan, que não ia nada com a casta dos pato Donald, costumava dizer que o mundo seria uma coisa insuportavel se fosse povoado unicamente por iconoclastas, doutrinadores, virtuosos e moralistas. "La fête de l'univers manquerait de quelque chose, si le mond n'était peuplé que de fanatiques iconoclastes et de lourdauds vertueux". Acho porém que o mundo seria muito pior se fosse povoado tão só por gente cheia de tolerancia, compreensão, simpatia, amabilidade e ironia. Como poderiam viver, como nutrir a ironia, sem a sua materia prima, que é a legião imensa, eterna e gosada dos pato Donald?

A QUADRA DO DIA

Os ladrões, antigamente,
Eram pregados na cruz.
Foi ao lado dessa gente
Que condenaram Jesus.

Barão de Itararé

OUTRA QUADRA DO DIA

Neste seculo de luzes,
Cheio de tantos clarões,
Costumam pregar as cruzes
Sobre o peito dos ladrões.

Barão de Itararé

DEMONSTRAÇÃO DAS DIFERENÇAS NA PAUTA DA PRESENTE SEMANA

GENEROS	Pauta anterior	Pauta atual	Dif.
Borracha fina crepe	3$150	3$000	$150
Sernambí crepe	1$800	1$700	$100
Sernambí caucho-crepe	2$000	1$900	$100
Borracha fina	3$150	3$000	$150
Sernambí virgem	1$800	1$700	$100
Sernambí de caucho	2$000	1$900	$100
Sernambí rama	1$800	1$700	$100
Castanha miuda	90$000	85$000	5$000
Castanha descascada	225$000	212$500	12$500
Olio de copaíba	4$500	4$200	$300
Couros de veado	8$200	8$000	$200

D. G. da Fazenda em 11 de Abril de 1938.

ESPELHO DA QUINZENA

Faleceu dona Carolina Moura Archer Pinto. Luto na sociedade e na imprensa, desde o dia cinco do corrente.

Ninguem mais simples, mais generosa e mais respeitavel do que essa senhora, cujo enterro foi uma apoteóse.

Era esposa do nosso Henrique Archer Pinto, que, sob sua inspiração, criou, em Manaus, um jornalismo sadío, de grandes possibilidades, uma porção de anos alem da civilização local. Influiu, tambem, ela, por amôr aos seus seis filhos e ao Amazonas que as linotipos, a modernissima rotoplana, enfim, as magnificas oficinas d'"O Jornal" não fossem mudadas para Belem, numa hora em que o diretor-proprietario desse matutino foi picado pela cobra duma cretina injustiça.

Um aspecto do porto de Manaus, no dia da chegada do Ministro João Alberto

A SELVA apanhou estes instantaneos, a bordo do "Belo Horizonte" e no "roadway", na ocasião em que o Interventor Alvaro Maia, outras autoridades, consules e jornalistas recebiam o Ministro João Alberto que, inesperadamente, nos chegou do Exterior pelo Solimões.

MANAUS, 25 de Março de 1938 — Exmo. Sr. Redator-chefe d'A SELVA — Nesta — Tenho a honra de comunicar a V. Excia. que foram eleitos e tomaram posse dos seus cargos, nesta data, para servirem este Instituto, no triênio de 1938-1941, os seguintes socios, que compõem o respectivo Corpo Administrativo: DIRETORIA — Prof. Agnelo Bittencourt, Presidente (reeleito); Dr. Alfredo A. da Mata, 1.º Vice-Presidente; Dr. Manoel de Pais Barreto, 2.º Vice-Presidente (reeleito); Dr. Artur C. F. Reis, 1.º Secretario (perpetuo); Dr. Admar de Andrade Turí, 2.º Secretario; Dr. Vivaldo Palma Lima, Orador (perpetuo); Oscar da Costa Raiol, Tesoureiro. — COMISSÕES: — 1.ª — De Sindicancias, Redação dos Estatutos, etc.: Drs. Artur Reis, Admar Turí e Oscar Raiol; 2.ª — De Geografia, Historia, etc.: Agnelo Bittencourt, Drs. Lourival Muniz e Ricardo M. B. Amorim; 3.ª — De Arqueologia e Etnografia: Drs. Vivaldo Lima, Crisanto Jobim e André V. de Araujo; 4.ª — De Botanica, Agricultura, etc.: Drs. Angelino Bevilaqua, Admar Turí e Cel. Antonio Lopes Barroso; 5.ª — Filologia: Drs. Adriano Jorge, Pais Barreto e Prof. Carlos Mesquita; 6.ª — Industria, Comercio, etc.: Drs. Maximino Corrêa, Herminio de Carvalho e Cel. Avelino Cardoso; 7.ª — Finanças: Desb. Hamilton Mourão, Dr. Abilio Alencar e Major Antonio de Vasconcelos. Sirvo-me do ensejo para assegurar a V. Excia. minha simpatia, aprêço e estima. Saudações. — (a) ARTUR C. F. REIS, Secretario Perpetuo".

■■

RIO DE JANEIRO em 25 de março de 1938. — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica — Secretaria Geral. — Senhor Diretor de A SELVA. — Com o objetivo de proporcionar uma divulgação mais ampla das atividades dos sistemas regionais de estatistica, êste Instituto vem distribuindo os trabalhos estatisticos por êles organizados ás entidades culturais do país, na vanguarda das quais se inclue evidentemente a nossa imprensa periodica.

Cumpre-me, portanto, em nome do Presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica, oferecer para a bibliotéca do periodico sob vossa esclarecida direção um exemplar da "Sinopse Estatistica do Estado", publicação elaborada pelo órgão de estatistica dessa Unidade Federada.

Solicitando a gentileza de acusar o seu recebimento, valho-me do ensejo para reiterar-vos os meus protestos de mui distinto aprêço. (a) ALBERTO MARTINS, Diretor da Secretaria".

A MORTE DE CORIOLANO DURAND

BENJAMIN LIMA — Conclusão

grande era o entusiasmo, a conciência, o esmero com que fazia tudo.

Foi um dos mais completos homens de letras que o Amazonas já produziu. E ha de ter lugar de forte destaque na categoria dos nossos narradores, logo que se editem as novelas de sua autoria, trabalhadas todas com o instinto do pitoresco e a intuição dos efeitos dramaticos, em que o seu talento de escritor teatral se revelava mesmo fóra do teatro.

E' pensando nessa predestinação avassaladora que lamento o fato de êle só ter vindo para o Rio de Janeiro com intuitos de prolongada permanencia, quando já lhe invadira o organismo enfermidade sem cura.

Se esta metropole autentica e orgulhosa não deixou ainda por inteiro de ser hostil aos autores dramaticos, como se acreditar, como se pretender que seja diferente, por esse aspecto, a situação de qualquer das restantes cidades brasileiras?

A idoneidade que Durand possuia para o cultivo da mais dificil especie de literatura, foi o grande Artur de Azevedo quem a reconheceu e proclamou em 1908, incluindo uma peça do escritor amazonense no repertorio da companhia oficial organizada por êle, afim de atuar no recinto da Exposição Nacional do referido ano.

Pormenor a registrar-se: Coriolano, que foi sempre homem pobre, não podendo chegar a esta cidade, remeteu áquele mestre a sua obra. Tanto vale dizer que não cabalou de maneira alguma pela aceitação da mesma, e que, se Artur de Azevedo lhe concedeu simpatia, e fê-la montar, foi por haver surpreendido nela, com toda a segurança, a revelação de um excelente comediografo.

Pouco depois Coriolano Durand, transferindo-se da comedia ligeira para a alta comedia, escrevia "A chama", que se publicou em livro, mas até agora não subiu á cena. E', no entanto, a demonstração irrecusavel de que êle reunia dotes de vigoroso dramaturgo aos de comediografo exibidos antes — e exibidos com a firmeza que sómente a contra-prova da encenação acarreta. E que a esse drama não seriam menos favoraveis as luzes da riballa, foi a impressão de quantos escritores e jornalistas cariocas lhe ouviram a leitura, realizada nesta Capital por volta de 1928, perante uma assistencia onde figuravam julgadores como Coelho Neto, Goulart de Andrade, João Luso e outros de igual prestigio.

Em qualquer hipotese o desaparecimento de um formoso espirito deve ser motivo de geral consternação. Mas, outros sentimentos, ainda mais dolorosos e opressivos, se apoderam de mim, quando vejo a morte ferir alguma inteligencia que, por desfavor e inclemencia da sorte, ainda não pudera dar concretização a todos os seus anhelos de beleza e sonhos de arte.

MANAUS, 31 de Março de 1938 — Circular — Senhor Diretor d'A SELVA — Nesta — Tenho o prazer de comunicar a V. Excia. a eleição e posse dos corpos dirigentes da "Liga Pró-Tuberculosos" para o exercicio social de 1938 a 1940 — DIRETORIA: — Presidente, Dr. Carlos Soares de Mélo; Vice-Presidente, Dr. José Amazonas Palhano; 1.ª Secretaria, Srta. Hilda Araujo Jorge; 2.ª Secretaria, Srta. Jandira Barroncas; 1.º Tesoureiro, Virgilio Xavier de Souza; 2.ª Tesoureira, Srta. Estrela Xavier de Souza. — CONSELHO FISCAL: — Dr. Moacir Dantas Cavalcante, Dr. Hosana da Silva e Dr. Paulo Sarmento. — CONSELHO TE'CNICO: — Dr. Deoclides de Carvalho Leal, Dr. Kronge Perdigão e Dr. Alberto Moacir Benaion. — VOGAIS: — Prof. Emilia de Carvalho Antoní, Dra. Neuza Ferreira, Sra. Nair de Souza Palhano, Sra. Araci de Vercosa Marinho, Sra. Salignac de Souza, Sra. Crispiana Ribeiro, Sra. Hermila Santa Cruz de Oliveira, Prof. Maria Edna C. de Oliveira, Srta. Maria de Lourdes Prado Lins, Srta. Maria Tanajura, Srta. Elza Araujo Jorge e Srta. Clotilde Pinheiro. — CONSELHO FISCAL: — Dr. Adriano Augusto de Araujo Jorge, Dr. Ariolino Azevedo, Dr. Alfredo Costa, Abilio Silva e Sá, Dr. José Miranda de Araujo, Prof. Eunice Serrano Teles de Souza, Prof. Olga Araujo Jorge, Prof. Graziela Machado V. Pessôa, Srta. Maria Belmont Vidal Pessôa e Prof. Izabel Soares Nogueira. — COMISSÃO DE PROPAGANDA E PUBLICIDADE: — Dr. Washington Melo, Dr. Vicente Reis, Dr. Leoncio Salignac e Souza, Dr. Gercino Cunha Melo, Dr. Ramaiana de Chevalier, Dr. Leopoldo Péres, Aristófano Antoní, Herculano Castro e Costa, J. L. Araujo Neto, Valerio Caldas de Magalhães, Sergio Cardoso, Prof. Carlos Mesquita, M. D. dos Passos Gomes e Wuppschlander Batista Lima. Sirvo-me da oportunidade para apresentar a V. Excia. os meus protestos de alta estima e distinta consideração. Atenciosas saudações. — (a) HILDA DE ARAUJO JORGE, 1.ª Secretaria".

■■

ESPELHO DA QUINZENA

FEZ dois anos, no dia sete, que a nossa Alfandega é dirigida pelo nosso confrade João de Ataíde, um homem de bem, operoso, eficiente, que nunca esteve envolvido, de maneira alguma, em quaisquer negociatas. Foram-lhe prestadas expressivas homenagens. Toda a imprensa registrou, com carinho destacado, o acontecimento.

Este, sim, nunca "sobrará", como representante, eminente, da Fazenda Federal.

NESTA quinzena, foi ouvido, no Teatro Amazonas, um veterano tenor, que a benemerita colonia portuguêsa auxiliou com a generosidade que lhe é ináta.

O ESTILO DO REGIME

Realidade e aparencia — Circunstancias ocasionais dificultando a compreensão do sentido do golpe de Estado — Ausencia de qualquer afinidade do novo regime com o fascismo — Autoritarismo e democracia — Equilibrio entre o passado e o futuro — Traços essenciais do Estado Novo.

Desde 1930 vivera o Brasil envolvido em uma atmosfera de confusão ideológica, no meio da qual era difícil determinar o verdadeiro sentido das correntes que se contraditavam a apreciar com acêrto as tendências pessoais dos homens representativos da situação surgida do movimento de Outubro. Nunca havíamos experimentado, através de todo o nosso passado nacional, semelhantes condições de perturbadora anarquia de idéias e de falta de orientação dos elementos que personificavam as fôrças dirigentes da política nacional. As expressões clássicas de direita e esquerda e os rótulos ultra-modernos de escolas e doutrinas da atualidade podiam ser distribuídos quasi ao azar, tão rápidas e surpreendentes eram as evoluções em que as peças do jôgo político se deslocavam de um campo para outro sob a pressão de circunstancias ocasionais e de incidentes efêmeros.

Longe de diminuir com o correr do tempo e com a organização constitucional do regime derivado da revolução de 1930, o estado de confusão agravou-se ainda mais após a promulgação do estatuto de 1934. Como mostrámos em um dos capítulos anteriores, a segunda Constituinte republicana elaborara uma lei básica por tal forma destituída de unidade ideológica e de contacto com a realidade brasileira, que a situação confusa dos primeiros anos do após-revolução veiu a transformar-se, no periodo constitucional, em uma espécie de anarquia progressiva.

Quem quizer reconstituir a história daquela fase, buscando elementos informativos nos anais parlamentares e nas coleções da imprensa, será forçado a encarar a época em aprêço como uma etapa de provisoriedade política em que tanto a Nação como os protagonistas do drama nacional permaneciam indecisos e perturbados, á espera de que se dissipasse o nevoeiro que envolvia a nacionalidade. As atitudes individuais, em tais circunstancias, tinham forçosamente de pautar-se por considerações de um mero oportunismo imediatista em que debalde se procuraria qualquer traço de uma orientação ideológica. E semelhante atitude não indicava, por parte de todos que a assumiam, incapacidade de abordar os problemas nacionais segundo as linhas de uma ideologia coordenada e racionalmente orientada.

A causa dessa espécie de impotência generalizada para formular um pensamento político, claro, poderíamos encontrá-la sem dificuldade na repercussão moral de um sistema de instituições dentro de cuja órbita todo o esfôrço racionalizante era descabido, sinão mesmo impossivel. Para raciocinar politicamente, nas condições impostas ao país pelo regime da Constituição de 1934, era preciso assumir preliminarmente uma atitude anti-constitucional. E como semelhante alvitre repugnava aos espíritos conservadores capazes de avaliar as tremendas possibilidades imprevisiveis de qualquer perturbação violenta da ordem constitucional, sómente as mentalidades de tipo extremista poderiam idealizar qualquer atitude que se caracterizasse por um sentido doutrinário definido.

Assim, passados alguns mêses da promulgação do estatuto de 1934, delineou-se na política brasileira uma situação significativa da natureza transitória das condições reinantes no país. A quasi totalidade do povo e os elementos políticos representativos do pensamento médio da Nação deixaram-se ficar perplexos na posição de quem espera inevitável mutação de um estado de coisas que tem os seus dias contados. Contrastando com essa atitude, as correntes extremistas da esquerda e da direita, respectivamente representadas por comunistas e fascistas, tornaram-se as fôrças ativas, cada uma da quais procurava investir contra a ordem política estabelecida, na esperança de conquistar o poder.

Os levantes de Novembro de 1935, imprimindo ao comunismo um cunho de um perigo imediato, determinaram medidas repressivas enérgicas por parte do govêrno. O efeito das providências tomadas para a defesa da ordem publica e do Estado acarretaram, ao cabo de algum tempo, a desarticulação do movimento comunista até destituí-lo de qualquer capacidade ofensiva séria.

A luta contra o extremismo marxista proporcionou por dois motivos ao extremismo fascista oportunidade para passar rápidamente da relativa obscuridade em que até então estivera a uma situação de verdadeiro destaque nacional. Dado o perigo imediato concretizado na atividade comunista, o govêrno, segundo a lógica da situação e em obediência a sentimentos compreensiveis, era naturalmente levado a tolerar e até a animar uma corrente que no momento podia ser aproveitada para a defesa da ordem e da segurança do Estado. Essa tolerancia do poder público, chegando talvez mesmo a tomar a forma concreta de um favoritismo particularmente vantajoso nas circunstancias anormais em que se achava o país, teve decisiva influência vitalizadora sôbre o movimento fascista representado pelos integralistas.

O outro fator do rápido desenvolvimento dessa corrente desde o levante comunista de Novembro de 1935 foi o refôrço das suas fileiras por elementos de duas categorias, cuja influência se poderia considerar, á primeira vista, paradoxal. Enquanto elementos da burguesia, atemorizados pela perspectiva da recrudescência de motins comunistas, gravitavam para o campo integralista, que se inculcava como o centro de resistência ao marxismo, contingentes comunistas para ali tambem se dirigiam, provavelmente movidos por duas ordens de razões facilmente compreensiveis. Em muitos casos, a incorporação ás legiões comandadas pelo sr. Plinio Salgado devia ser apenas um expediente aconselhado pela prudência. Vestir a camisa verde era uma garantia contra os riscos que a repressão policial envolvia para os que anteriormente haviam professado o crédo vermelho. Ao lado dêsses convertidos por considerações de segurança pessoal, provavelmente apareciam elementos que aceitavam o fascismo como um sucedaneo do seu ideal marxista, cuja realização se lhes afigurava impossivel diante da forte reação nacional contra o comunismo.

Semelhante possibilidade de um movimento fascista, como o integralismo, absorver facilmente numerosos elementos comunistas, pode parecer coisa estranha e surpreendente aos que se acham sob a influência da interpretação vulgar e simplista dos fenômenos que se apresentam nas sociedades contemporaneas. Aos que se deixam ficar nessa atitude a essência do conflito que abala o mundo é, em última análise, uma luta que culmina no choque entre o comunismo e o fascismo.

Entretanto, essas duas modalidades de antagonismo ás formas de organização econômica, social e política que têm caracterizado a civilização ocidental, desde a eclosão do capitalismo no inicio da época moderna, estão longe de representar a polarização de tendências irreconciliáveis. Apesar de aspectos diferenciais impressionantes, o bolchevismo russo e o fascismo italiano são ligados um ao outro por afinidades profundas e por inequívocos sinais de uma origem comum e de parentesco próximo. Exorbitaria dos objétivos dêste estudo extender o exame da questão aqui focalizada, de maneira a oferecer comprovação exaustiva da tese que acabamos de formular. Mas uma ligeira análise do assunto poderá trazer elementos convincentes no sentido do apôio ao nosso ponto de vista.

No bolchevismo e no fascismo deparam-se-nos os mesmos traços essenciais e caracteristicos. Por certo, as circunstancias peculiares aos ambientes nacionais em que cada uma dessas duas doutrinas foi aplicada como base da organização estatal determinaram, em cada caso, particularidades de estilo que dão a impressão ilusória não apenas de

(Conclúe no proximo numero)

AZEVEDO AMARAL

A SEDUÇÃO D

O INTEGRALISMO E' UMA CULTURA QUE SURGIU COMO REAÇÃO CONTRA A CULTURA MARXISTA.

O MARXISMO E' O ECONOMICO TOTALITA'RIO, E O INTEGRALISMO, OPONDO-SE AO PRIMADO DO "HOMO ECONOMICUS", RECONHECEU A EXISTENCIA DOS FATORES HISTORICOS, RELIGIOSOS E MORAIS, CONFUNDINDO-OS NUMA CONCEPÇÃO TOTALITARIA.

AS DUAS CULTURAS, ENTRETANTO, NÃO VIVEM SEM ESPAÇO GEOGRAFICO. ELAS PROCURAM UMA REALIDADE, COMO A IDE'IA PROCURA O SER. SEM O ELAN DA OBJE'TIVAÇÃO, ELAS DESAPARECEM. EM AMBAS, HA A PAIXÃO DA LUTA, SEJA A DOS EXERCITOS VERMELHOS COM OS QUAIS A 3.ª INTERNACIONAL AMEAÇA O MUNDO, OU A MARCHA EM GRANDE ESTILO COMO A DE MUSSOLINI SOBRE ROMA E A DE HITLER SOBRE A AUSTRIA. O INTEGRALISMO NÃO ENCONTROU ESPAÇO NO BRASIL. E NÃO ENCONTROU ESPAÇO, PORQUE O ESTADO NOVO VEIU A TEMPO DE EVITAR O DOMINIO DAS ESQUERDAS, QUE PREPARARIAM FATALMENTE O CALDO PROPICIO AO INTEGRALISMO PELA REA-

A G A M E N O N

COESÃO E FRAGMEN

Rio — Serviço de Divulgaç

Quem se detiver, por um momento, na evocação da nossa vida publica, antes de 30, logo após a consolidação republicana e a consequente politica dos governadores, — e de 30 para adiante, até o desfecho de 10 de Novembro, exclusive, — fica surpreso com a simplicidade dos fatores que nortearam e integraram a nossa politica, nessas fazes culminantes e desiguais de nossa historia.

E desde logo se apresenta ao espirito, como resumo desses dias de marasmo, de tormenta e de confusão, este duplo paralelismo : prestigio dos partidos, submissão do Presidente da Republica ás chefias locais : "hipertrofia federalista"; reação do Presidente da Republica aos absolutismos partidarios, desagregação dos partidos, relaxamento do federalismo : "anseio unitario".

Essas duas situações, aparentemen te tão diversas, e assim alternadas no tempo, ocasionaram o mesmo resultado. De uma parte, a coesão ferrea, o cutoritarismo obscurantista, mediavelesco, dos partidos, antes de 30, — levou á mais decepcionante e desoladora experimentação anti-democratica; a fraude eleitoral, o cambalacho, o filhotismo, o culto da incompetencia, o crê ou morre, o caciquismo dos chefes, o desgoverno, a inepcia administrativa vitalicia, o desbarato dos dinheiros publicos, — a prioridade, a preexcelencia, o predominio da politica, sobre tudo, antes de tudo e contra tudo, — tal era, realmente, a fisionomia do Estado que Deodoro fundou, que Floriano consolidou, que Campos Sales pôs em movimento e que os chefes locais tutelaram, educa-

A CONST

Contin[ç]

Art. 82 — O Colegio eleitoral do Presidente da Republica compõe-se :

a) de eleitores designados pelas Camaras Municipais, elegendo cada Estado um numero de eleitores proporcional á sua população, não podendo, entretanto, o maximo desse numero exceder de vinte e cinco;

b) de cincoenta eleitores, designados pelo Conselho da Economia Nacional, dentre empregadores e empregados em numero igual;

c) de vinte e cinco eleitores, designados pela Camara dos Deputados e de vinte e cinco designados pelo Conselho Federal, dentre cidadãos de notoria reputação.

Paragrafo unico — Não poderá recair em membros do Parlamento Nacional ou das Assembléias Legislativas dos Estados a designação para eleitor do Presidente da Republica.

Art. 83 — Noventa dias antes da expiração do periodo presidencial, será constituido o Colegio eleitoral do Presidente da Republica.

Art. 84 — O Colegio eleitoral reunir-se-á na Capital da Republica vinte dias antes da expiração do periodo presidencial e escolherá o seu candidato á Presidencia da Republica. Si o Presidente da Republica não usar da prerrogativa de indicar candidato, será declarado eleito e escolhido pelo Colegio eleitoral.

Paragrafo unico — Si o Presidente da Republica indicar candidato, a eleição será diréta e por sufragio universal entre os dois candidatos. Neste caso, o Presidente da Republica terá prorrogado o seu periodo até a conclusão das operações eleitorais e posse do Presidente eleito.

DA RESPONSABILIDADE DO PRESIDENTE DA REPUBLICA

Art. 85 — São crimes de responsabilidade os átos do Presidente da Republica, definidos em lei, que atentarem contra :

a) a existencia da União;

b) a Constituição;

c) o livre exercicio dos poderes politicos;

d) a probidade administrativa e a guarda e emprego dos dinheiros publicos;

e) a execução das decisões judiciarias.

Art. 86 — O Presidente da Republica será submetido a processo e julgamento perante o Conselho Federal, depois de declarada por dois terços de votos da Camara dos Deputados a procedencia da acusação.

§ 1.° — O Conselho Federal só poderá aplicar a pena de perda do cargo, com inhabilitação até o maximo de cinco anos para o exercicio de qualquer função publica, sem prejuizo das ações civis e criminais cabiveis na especie.

§ 2.° — Uma lei especial definirá os crimes de responsabilidade do Presidente da Republica e regulará a acusação, o processo e o julgamento.

Art. 87 — O Presidente da Republica não pode, durante o exercicio de suas funções, ser responsabilisado por átos estranhos ás mesmas.

DOS MINISTROS DE ESTADO

Art. 88 — O Presidente da Republica é auxiliado pelos Ministros de Estado, agentes de sua confiança, que lhe subscrevem os átos.

Paragrafo unico — Só o brasileiro nato, maior de vinte e cinco anos, poderá ser Ministro de Estado.

Art. 89 — Os Ministros de Estado não são responsaveis perante o Parlamento, ou perante os tribunais, pelos conselhos dados ao Presidente da Republica.

§ 1.° — Respondem, porém, quanto aos seus átos, pelos crimes qualificados em lei.

§ 2.° — Nos crimes comuns e de responsabilidade serão processados e julgados pelo Supremo Tribunal Federal, e, nos conexos com os do Presidente da Republica, pela autoridade competente para o julgamento deste.

DO PODER JUDICIARIO

Disposições preliminares

Art. 90 — São orgãos do Poder Judiciario :

a) O Supremo Tribunal Federal;

b) Os juizes e tribunais dos Estados, do Distrito Federal e dos Territorios;

c) Os juizes e tribunais militares.

Art. 91 — Salvas as restrições expressas na Constituição, os juizes gozam das garantias seguintes :

a) vitaliciedade, não podendo perder o cargo senão em virtude de sentença judiciaria, exoneração a pedido, ou aposentadoria, compulsoria aos sessenta e oito anos de

DOS PUNHAIS

ÇÃO DAS FORÇAS CONSERVADORAS E TRADICIONAIS DA NACIONALIDADE.

O BRASIL ERA, ANTES DE 10 DE NOVEMBRO, UMA DEMOCRACIA ABERTA A TODAS AS INFILTRAÇÕES. O NOSSO PANORAMA SOCIAL ERA INQUIETANTE. NAS MANIFESTAÇÕES POLITICAS NO RIO E OUTROS GRANDES CENTROS DE CONCENTRAÇÃO URBANA, JA' SE NOTAVA A MULTIDÃO SE EXTREMANDO ENTRE O PUNHO CERRADO E A MÃO ABERTA DO SIGMA, SO' NÃO VIA O DESPENHADEIRO, QUEM NÃO QUERIA VER. O GRANDE PRESIDENTE GETULIO VARGAS TEVE, APOIADO PELO EXERCITO, A VISÃO SALVADORA E PATRIOTICA, DESFERIU O GOLPE DE 10 DE NOVEMBRO, OUTORGANDO A' NAÇÃO UMA CARTA DE DIREITOS E DEVERES, DE AUTORIDADE E DISCIPLINA.

O INTEGRALISMO NÃO TINHA MAIS SENTIDO, NÃO TINHA MAIS REALIDADE. AOS SEUS CHEFES SO' SE ABRIA UM CAMINHO: — MUDAR DE CAMISA E INTEGRAR-SE NO NOVO ESTADO, COLABORANDO COM IDEALISMO E DESINTERESSE. NÃO O FAZENDO, TERIA DE TERMINAR NA SEDUÇÃO DO PODER PELO PUNHAL.

MAGALHÃES ■ ■ ■

...TAÇÃO DOS PARTIDOS

(Especial para A SELVA)

I

...ram e fizeram viver.

E, de outra parte, com a mesma eficiencia, — a fragmentação dos partidos, o seu descontrole, a perda da sua autoridade sobre o governo, o seu desligamento do poder central, pela reação do Presidente, — depois de 30, levaram a essa descrença no regime, a essa desmoralização do sistema, a esse desprestigio dos politicos e da politica, — a esse cáos de intrigas, de pusilanimidades, de traições, de abjurações e de egoismos, que fizeram da nossa democracia, nos ultimos anos, um lamaçal, um atoladouro, um inferno recalcitrante de areias movediças.

E aí está por que, antes de 30 e depois de 30, sobretudo de dois anos a esta parte, — todo mundo dizia e podia dizer, quasi com a mesma frase e as mesmas palavras: — "Isto não póde continuar; a democracia está falida; os politicos não se entendem; é necessario realisar alguma cousa de novo e de forte, para salvar o Brasil".

Enquanto isso se verificava, á margem das lutas partidarias, os agentes internacionais do Komintern abriam brechas, e dia a dia penetravam mais fundo, na vida politica do País.

As ambições politiqueiras, concientes ou não, iam assim arrastando o País de mal a pior, para servirem ao estado de coisas preconisado e desejado pelo comunismo, na frase de um dos seus mestres, que afirmava que "quanto pior, melhor".

E isto porque, somente na desordem politica, podem os extremistas encontrar campo para infiltrações e golpes subversivos.

...TUIÇÃO

...inação

...idade ou em razão de invalidez comprovada, e facultativa nos casos de serviço publico prestado por mais de trinta anos, na fórma da lei;

b) inamovibilidade, salvo por promoção aceita, remoção a pedido, ou pelo voto de dois terços dos juizes efetivos do tribunal superior competente, em virtude de interesse publico;

c) irredutibilidade de vencimentos que ficam, todavia, sujeitos a impostos.

Art. 92 — Os juizes, ainda que em disponibilidade, não podem exercer qualquer outra função publica. A violação deste preceito importa a perda do cargo judiciario e de todas as vantagens correspondentes.

Art. 93 — Compete aos tribunais:

a) elaborar os regimentos internos, organizar as secretarias, os cartorios e mais serviços auxiliares, e propor ao Poder Legislativo a creação ou supressão de empregos e a fixação dos vencimentos respectivos;

b) conceder licença, nos termos da lei, aos seus membros, aos juizes e serventuarios, que lhes são imediatamente subordinados.

Art. 94 — E' vedado ao Poder Judiciario conhecer de questões exclusivamente politicas.

Art. 95 — Os pagamentos devidos pela Fazenda Federal, em virtude de sentença judiciaria, far-se-ão na ordem em que forem apresentadas as precatorias e á conta dos creditos respectivos, vedada a designação de casos ou pessoas nas verbas orçamentarias ou creditos destinados áquêle fim.

Paragrafo unico — As verbas orçamentarias e os creditos votados para os pagamentos devidos, em virtude de sentença judiciaria, pela Fazenda Federal, serão consignados ao Poder Judiciario, recolhendo-se as importancias ao cofre dos depositos publicos. Cabe ao Presidente do Supremo Tribunal Federal expedir as ordens de pagamento, dentro das forças do deposito, e, a requerimento do credor preterido em seu direito de precedencia, autorizar o sequestro da quantia necessaria para satisfazê-lo, depois de ouvido o Procurador Geral da Republica.

Art. 96 — Só por maioria absoluta de votos da totalidade dos seus juizes poderão os tribunais declarar a inconstitucionalidade da lei ou do áto do Presidente da Republica.

Paragrafo unico — No caso de ser declarada a inconstitucionalidade de uma lei que, a juizo do Presidente da Republica, seja necessaria ao bem estar do povo, á promoção ou defêsa de interesse nacional de alta monta, poderá o Presidente da Republica submetê-la novamente ao exame do Parlamento; si este a confirmar por dois terços de votos em cada uma das Camaras, ficará sem efeito a decisão do Tribunal.

DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

Art. 97 — O Supremo Tribunal Federal com séde na Capital da Republica e jurisdição em todo o territorio nacional, compõe-se de onze Ministros.

Paragrafo unico — Sob proposta do Supremo Tribunal Federal, pode o numero de Ministros ser elevado por lei até dezesseis, vedada, em qualquer caso, a sua redução.

Art. 98 — Os Ministros do Supremo Tribunal Federal serão nomeados pelo Presidente da Republica, com aprovação do Conselho Federal, dentre brasileiros natos de notavel saber juridico e reputação ilibada, não devendo ter menos de trinta e cinco, nem mais de cincoenta e oito anos de idade.

Art. 99 — O Ministerio Publico Federal terá por chefe o Procurador Geral da Republica, que funcionará junto ao Supremo Tribunal Federal e será de livre nomeação e demissão do Presidente da Republica, devendo recair a escolha em pessoa que reuna os requisitos exigidos para Ministro do Supremo Tribunal Federal.

Art. 100 — Nos crimes de responsabilidade, os Ministros do Supremo Tribunal Federal serão processados e julgados pelo Conselho Federal.

Art. 101 — Ao Supremo Tribunal Federal compete:

I — processar e julgar originariamente:

a) os Ministros do Supremo Tribunal;

b) os Ministros de Estados, o Procurador Geral da Republica, os juizes dos Tribunais de Apelação dos Estados, do Distrito Federal e dos Territorios, os Ministros do Tribunal de Contas e os Embaixadores e Ministros diplomaticos, nos crimes comuns e nos de responsabilidade, salvo, quanto aos Ministros de Estado e aos Ministros do Supremo Tribunal Federal, o disposto no final do § 2.° do art. 89 e no artigo 100;

c) as causas e os conflitos entre a União e os Estados, ou entre estes;

d) os litigios entre nações estrangeiras e a União ou os Estados;

OS MOÇOS

A musa heraldica de RAIMUNDO MONTEIRO

Mario YPIRANGA

As tuas ansias, quem chegará a entendê-las ?
—O' grande sofredor, ó poeta, as pedras brutas
Não podem compreender o sonho das estrêlas. . .
(ROBERTO GIL — "Verbo das Sombras")

Almas existem predestinadas ao sofrimento, concebidas para o sacrificio. Fôra uma longa e tediosa simbiose de estados psiquicos, a mostrá-las como resultam nas suas organizações biotipicas de eleição. Eu compreendo esses aspectos como fatalismo congenito, incapaz de sofrer qualquer reação intrinseca ou exterior. E' um determinismo que parecerá, de todo modo, extranho ás psicologias advenas. Não sei porque, essa tragica apoteóse, que é a finalidade de toda vida nascida para a poesia. Em dias passados eu ajuntava, num rapido escorço, as biografias desses mártires eternos. Hoje, procuro espelhar uma existencia de rapsodo magnanimo e infeliz. Pode ser que ninguem assim pense e aplauda esse modo de vêr e pensar. A' massa, é dificil impressionar os sofrimentos facundos. Um poeta é, geralmente, um lunático. Quando lhe sobra com que comprar a filáucia da canalha, é um genio. Se é pobre, não passa de um miseravel rimador, rebutalho ultimo da plebe, **jongleur** de fama, mas de gibão rôto. Especie de Villon brigador a que ninguem preocupa.

Com Raimundo Monteiro deu-se um fenomeno interessante: o seu maximo orgulho de poeta fidalgo, livrou-o dos salamaleques costumeiros, privando-o do capciosismo ridiculo. Ele não achou bastante espaço para viver. E assim, preferiu, na sua humilde grandeza, ser pequeno demais, ou grande demais, numa ambiencia refratária á sua multiformica desenvoltura lirica. Horas lentas de uma lenta agonia deve ter sofrido o bardo dos cantos reais e das baladas. Sonharia com esse sofrimento diuturno, porque desse, á sua ultima cantilena egressiva á primavera romantica do seiscentismo, a flor maravilhosa da fidalguia e da graça? Ele devia ter florescido com a pleiade de Baif, Ronsard e esse ultrasensivel Alan Chartier, para os **jeux floreaux** do lirismo. A mim parece-me que ele veio tarde demais para um seculo de septicismo na arte. Não realisou o milagre de seus pares, Martins Fontes e outros, porque se deixou, possuido de amôr ao rincão natal, aqui ficar na inercia de um meio hostil, gelado, indiferente a qualquer realisação nobre. Sacrificado, combatendo um inimigo anonimo que nem possuia o estalão de sua envergadura animica, o meio ambiente foi-lhe supremamente mesquinho, ridiculo por não possuir justamente a cultura necessaria para compreender o poeta maravilhoso que êle era. E Raimundo Monteiro foi um grande esquecido! Quasi anonimo viveu na sua patria cabôcla, e quasi anonimo morreu, com o canto derradeiro transformado em soluços de rimas...

Enfermo já, sonharia com a morte rondando-lhe os dias? As suas horas de lenta agonia teriam inspirado o titulo do ultimo livro? A's vezes o poeta ensaia, na presença da noiva gelada, a ultima elegia que é o seu canto de cisne. **As Horas Lentas** talvez fossem a dolorosa renuncia á vida...

Raimundo Monteiro sofreu toda essa tortura cruciante das almas predestinadas e eleitas. Não é necessario reler as suas ultimas produções poeticas, de uma doce emoção, de uma intensa amargura, para sabê-lo um mártir. Torna-se desnecessario estudá-lo na estrutura psiquica para vê-lo surgir na ronda ascencional dos ultimos romanticos ou dos ultimos mártires... Por que? Por que êle sofreu?

Era um torturado da forma. Seus poemas, acepilhados com maestria, refertos de perfeição estética. Desgraçadamente, o meio não o compreendeu. Exilou-o numa escala social infame demais (perdoem-me a expressão) para uma inteligencia de escol. E êle, modesto, afastado das competições mesquinhas dos gulosos Pantagrueis da gloria, feneceu como um lirio agreste debruçado á escarpa: perfumando o ambiente. Não gemeu. Nunca se rebelou. Apenas alguns versos traem o cruento desgosto de haver sido dominado na grande luta. Assim mesmo, são reclamos doces, magnanimos, sem blasfemias, sem arrogancias... Ele não é um rebelado como Jehan Rictus, nem na sua rebeldia transpira aquêle satanismo viril de Baudelaire ou o desgosto-pesadelo de Poe. Ele sabe esconder a sua dôr, mascarando a derrota com a desculpa do lar. Mas, ainda porventura, o premio a tanta grandeza d'alma, a tanta candura, a tanta belêsa espiritual, é o exilio no proprio berço, é o silencio do indiferentismo hostil, quando não resulta em suicidio lento? Assim desapareceram alguns sonhadores, seus irmãos: Verlaine, Wilde, Poe, Heine.

Quando Manaus soube da morte do poeta das horas lentas, parecia que um céo de chumbo pesava na cidade. O gêlo do indiferentismo mais estupido escorria das carrascas costumeiras. Que apoteóse teve o poeta depois de morto? Nenhuma. Diferente de seu amigo Martins Fontes, muito diferente de Bilac, diferentissimo de Anibal Teofilo. Quem era Raimundo Monteiro? — **Um homem, apenas um homem**, com uma função definida no conceito banal das farpelas estupidas dos burguêses. O poéta sobrexistia, apenas, em si mesmo, no frontespicio de um ou dois livros. Ninguem o entendia como um genio esmagado sob a irresponsabilidade do meio cultural, que o Amazonas ainda não possue bastante. Poeta? E o que significa, para um lôrpa da Avenida, ser poeta? — Cousa alguma. Ou simplesmente: um idiota que escreve umas palavras bonitas, arrumadas umas sobre outras, como nos balcões das tavernas de terceira classe se arrumam as latas. O sentido de estesia, de cultura, de arte, de sentimento, de amôr, de desgraça e, mesmo, de gloria nacional, não impressiona o imbecil que folheia os livros por um requinte de snobismo, ou por desfastio domestico.

Raimundo Monteiro sofreu, primeiro, a hostilidade do ambiente, regressiva á sua formula mais eversôra de insubstitutivel nulidade. Ele foi, na precipitação dessa escarpa ingreme do meio, o grande esquecido! Atravessou uma existencia inteira semeando versos para colher, apenas, o pranto. Emocionalmente o declara:

Os prelios, que travei, perdi-os... que a Derrota
Os passos me acompanha e meu esforço abate!
Por medalhas ostento a eschara e a cicatriz...

Canta, resignado como um **doloroso mártir, a propria tristêsa** eloquente que o segue pela verêda amarga, aculeante. Alma incompreendida, torturou-se na anonimia da vida vegetativa a que estão sugeitos todos os grandes iluminados deste rincão. Sofreu quasi sem gritas, fazendo de sua propria dôr, sua propria canção. Digam, de sua atribulada existencia de humilimo, os que privaram de sua amizade. Eu o conheci de longe, na minha adolescencia. Era, então, palido, desse palôr morbido do cirne de Recanati, e pareceu-me que uma tristêsa acabrunhava-o, ensombrando a fronte augusta onde caberiam os louros de Petronio.

Encontremos o grande bardo quando êle passeava a sua altissima **inspiração na França**, em plena mocidade, falando de amores transitorios como um lirico de vinte anos. Escreveu **Volutas** nessa quadra feliz. E' do seu primeiro livro que vamos nos ocupar agora, porque todo êle é referto de exuberancia vital, cheio de alegria, desbordante de vivacidade. Em **Volutas** ha um anseio crescente de gloria que trasvasa para morrer em **As Horas Lentas**, o crepúsculo tragico do poeta. Naquêle opúsculo, publicado no Rio de Janeiro, em 1905, ha toda a trajetoria desgraçada do aêdo, ainda mal delineada, ainda em escorço, numa antemanhã bruxuleante de angustias terriveis... **Embalde êle procura** disfarçar a sua tristêsa. Ela aflora nas rimas sutís buriladas **no dôce idioma de Verlaine**, de quem Raimundo Monteiro foi discipulo e, digamos mesmo, apaixonado cultor da arte magica do gaulês. **Volutas é um livro do coração.** Diferente de **As Horas Lentas**, que é a exegese da alma avelhantada por mil sofrimentos dissemelhantes. Ambos, porem, são livros de um poeta fecundo que **se deixou**, por vontade, ficar na retaguarda dos seus pares, vencido, humilde, modesto, esperando a hora de seu piáculo, ou de sua apoteóse. Ele sabia que estava se afundando voluntariamente no esquecimento. Ele sabia que era um Prometeu ligado á escarpa. Mas a terra exercia uma ascendencia maior talvez que a ansia de renome. A terra desejava-o com **uma ambição exclusivista**. A terra, que êle amava, a terra o esqueceu! Sublime escárneo!

Epinicio, das Horas Lentas, pag. 69, dá-nos u'a amostra do que foi esse apêgo fatal á gleba ingrata e cruel:

De pé, na solidão das ruinas, sobre o escombro
Do que eu podia ser, ainda bendigo a terra
Onde amei e sofri pela primeira vez...

Real, **portanto**, a visão da sua tristêsa pelo indeferentismo irritante votado á musa heraldica que ilustrou, na França e no Rio, o nome aureolado do poeta!

Volutas não é um livro serio. Compreende-se, a vivacidade do autor não poderia levar em conta certos sacrificios e **determinadas chagas**. Assim mesmo, aqui e ali Raimundo Monteiro enxertava a sua alegria de boemio feliz com algumas lembranças elegíacas. Eis aqui como êle poetava: **De longe, Volutas**, pag. 19:

Lembras-te, Amiga, quando cantavas
Velhas legendas do teu paiz,
—Dessa Borgonha de vinhas flavas,
Lembras-te, Amiga, quando cantavas
Velhas legendas do teu paiz?

Encantamento e doçura, nesse ritornelo em 9 silabas, ritmico e lirico. Vê-se, aí, o que era o moço, **liberrimo, cheio** de vida, afogado na vida tumultuaria de Paris, com amigos poetas, cultuando esse Pauvre Lelian de saudosa memoria. Raimundo Monteiro não podia, como aêdo, mostrar-se indiferente ás **mulheres**. Não fez exceção. Quantas lhe passaram pela vida alegre ou atribulada? Na mesma poesia citada:

A' hora em que escrevo estes versos, á hora
Do ocaso da alma, Cecilia amada,
Penso na vida florea de outr'ora
Loucamente prodigalisada!

Em Saudade, Volutas, pag. 23:

E aquela timidez e aquela ingenuidade
Que eu tinha ao pé de ti, Tereza de minha alma,
Quando, cheio de encanto e cheio de bondade,
Me fazia o teu riso uma caricia calma!
. . . .
. . . .
. . . .
Tereza! e esta Saudade é uma fina ironia
A' vida que hoje levo — êrma de riso e amôr!

Em Preludio, Volutas, pag. 27:

Filha das margens do Norte,
Das frias margens batidas
Pela rajada mais forte
Das tormentas desabridas!

Filha de nautas audazes
E humildes — filha de nautas,
Que trazes á bôca, e trazes
Nos olhos ancias incautas;

Anjo e demonio; alvorada
E noite; aroma e veneno;
Aza roçando estagnada
Putrida vaza de ceno,

Para cantar-te o sentido
Afêto que em mim se acorda,
Falta-me ao verso um gemido,
Falta-me á lira uma corda!

Quem seria essa que êle esquivou-se de enunciar? Talvez alguma loura gotlanda. **A Fani, Volutas**, pag. 31:

. . . .
. . . .
Pouco importa que o Verso exsurja da alma doante
Ou perto de um bordel ou perto de um sacrario,
A Virtude exaltando ou o Vicio impenitente!
E o meu Verso de dôr é um partido rosario
Que debulho — a rezar desoladoramente —
Pela escarpa sem fim do meu itinerario!

(Conclúe no proximo numero)

TURISTAS

Nunes PEREIRA

Especial para A SELVA

(CONCLUSÃO)

nam todos os seus sentidos.

Como será o tipo de turista que, entrando o delta amazonico, sobe até Manaus ?

Eis aí uma pergunta que sempre fiz a mim mesmo, toda vez que, lá fóra, pensei na Amazonia e pensei em turismo.

Porque, consoante minha idéia-fixa da Amazonia, nunca deixei de interessar-me por essa questão, embora os intelectuais, os politicos, os homens-praticos sempre lhe votassem absoluto despreso.

O tipo de turista que vem á Amazonia pertence ao grupo dos complexos e é êle mesmo o mais complexo de todos.

A imensa literatura, em todos os estilos, que os estudiosos de geografia humana construiram sobre a Amazonia, a historia de sua conquista e o drama e o romance de sua exploração alertaram a curiosidade da estrangeirada, obrigando-a a vir verificar a fertilidade das nossas terras, o volume das nossas aguas, a extensão vegetal dos cenarios, que as ladeiam, os sêres que lhes vôam á superficie ou se agitam nas suas profundezas.

De modo que, lido em Humboldt ou Coudreau, em Martius ou em La Condamine, em Hartt ou em Franz Keller, em Gibson ou em Bates, em Mawe ou em Sant'Ana Nery, em Koch Grumberg, ou em Stradelli, em Rice ou em J. Eustasio Rivera, esse tipo de turista diariamente se está encaminhando para a Amazonia, cedendo á necessidade de inspirar-se em novas fontes, á sêde de "ver", ao escrupulo de comparar, á volupia de criticar, á vantagem de informar-se pessoalmente.

E' claro que tudo o interessa aqui e d'aqui deseja levar documentos do esforço que fez em afrontar o clima da terra e os costumes da gente que a habita.

Tambem é exáto que aqui deseje êle, igualmente, encontrar qualquer coisa que se aproxime de uma verdadeira organisação turistica.

Desgraçadamente, entre nós, ainda não se teve tempo (?) de cuidar dessa organisação, com quê seria possivel carrear até capitais para o estabelecimento de negocios em bases menos flutuantes que as atuais.

Ha dias esteve em Manaus Mr. G. Dawe, um dos mais conhecidos proprietarios de hoteis em Londres.

E onde se foi hospedar esse amavel londrino, em vilegiatura pelo mundo ? Na Pensão Franco que, com a Bela Veneza, fazem concurrencia ao Grande Hotel...

Com Mr. G. Dawe tambem veio no "Hilary" a Manaus Sir W. Beach Thomas, uma das figuras mais representativas da mentalidade inglêsa, para cuja estesia a Beleza das Flôres do seu país e do nosso não tem forma, colorido e aroma que lhe não sejãm familiares.

E onde poude Sir W. Beach Thomas satisfazer a sua ardente curiosidade pela beleza selvatica das flôres amazonicas ?

Pelo "Hilary", como por outro navio europeu ou americano, já deve ter vindo a Manaus um outro etnografo, um ou outro zoologo.

E a esses turistas se proporcionou o ensejo de, á maneira inteligente e pratica de outros povos, interessá-los por artefatos indigenas, bastões de mando, machados de silex, urnas funerarias ou cestas de cipós, flechas curarisadas ou espéques, exemplares da nossa fauna aquicola ou da nossa fauna silvestre ?

Ora, ha em cada tipo de turista, que visita a Amazonia, um pouco de individualidade de Mr. G. Dawe e de Sir W. Beach Thomas, do arqueologo H. ou do zoologo L.

E, até quando esse tipo de turista não terá um hotel moderno onde hospedar-se, um Jardim Botanico ou um Jardim Zoologico, onde apreciar as nossas flôres e os nossos bichos, e um pequeno museu de etnografia onde estudar ou contemplar, pelo menos, documentos do passado de velhas raças indigenas da Amazonia?

Gilberto Freyre, escrevendo a respeito de turismo, certa vez, sentenciou que "turista, tambem, é boca".

Na Amazonia êle é boca e é cerebro. E da harmonia que estabelecermos entre a sua boca e o seu cerebro é que dependerá sempre, — quer queiram, quer não, a expansão do turismo aqui, mais do que em qualquer outro ponto do Brasil.

Ora, parece que já é tempo de irmos pensando nisso com convicção. E irmos removendo com convicção tudo o que se lhe oponha.

Interventor Alvaro Maia e Ministro João Alberto. Duas figuras notaveis do Brasil Novo. Dois temperamentos diferentes, sempre em harmonia, quando a serviço da 2ª Republica e do Estado Autoritario. Aquele o Homem de espirito, que vence o caminho sem violencias. Este o Homem de ação que chega ao fim sem medir consequencias. O Homem da Planicie e o Homem do Nordeste.

ZACHEU SNUK

Episodio tragico em um áto, lido pelo autor para ANA AMELIA CARNEIRO DE MENDONÇA, em Manaus, no salão de nosso querido ARAUJO LIMA, o grande escritor de AMAZONIA.

CORIOLANO DURAND

Uma rua. A' esquerda, fachada de um café com tres portas, fazendo esquina com outra rua praticavel, que passa ao fundo. Na sapata do café, fila de mesas a dois de fundo, cercadas de cadeiras. A' direita, vêem-se apenas as arvores que sombreiam esse lado da rua, cujas fachadas ficam invisiveis. No pano do fundo segue, em perspectiva a continuação da rua.

São sete horas da manhã. A' primeira mesa, á direita, junto ao proscenio, está sentado ZACHEU SNUK, embriagado, com um copo a meio diante de si. A' segunda porta, um caixeiro do café, com um guardanapo ao braço, aguarda ordens. Pouco a pouco, as mesas se vão enchendo de freguêses.

Ao abrir-se o velario, ouvem-se sete pancadas de um relogio, graves, sonoras. ZACHEU SNUK esgota de um trago o copo. Fica um momento a contemplá-lo, vasio em cima da mesa, onde o pousou com a mão levemente tremula. Depois bate palmas por cima da cabeça, chamando o caixeiro.

O CAIXEIRO, acorrendo

—Que deseja, doutor ?

Zacheu Snuk levanta a cabeça e fita-o, sorrindo

ZACHEU SNUK

—E's um gentil caixeiro !

Obrigas-me tambem...

Curva-se, sentado, em mesura.

—Desejo, cavalheiro...

(Conclue, adiante, na pagina 12)

AQUI estão o engenheiro civil João Alberto, os bachareis Alvaro Maia e Marcionilo Lessa, (o de azul-marinho), o agronomo Antonio Maia, (o de branco e de gravata listada) e o cidadão Clovis Barbosa que almoçaram juntos, no Palacio Rio Negro, no dia da chegada do primeiro, que foi hospede de honra do Estado. A visita ilustre, homem do mundo, experiente, tem coisas interessantes para contar. E' accessivel e expõe, diretamente, com franqueza, os seus sentimentos, as suas idéias. Dos presentes, apenas um, o diretor d'A SELVA, nortista cheio de amores por São Paulo, tinha o espirito prevenido contra ele... Na refeição, a conversa animou-se, cordialmente. E o nosso hospede mostrou-se digno da absoluta confiança do Presidente Getulio Vargas, conquistando gerais simpatias. De Benjamin Constant a Manacapurú, a bordo do "gaiola", surpreendeu, com correção ,a realidade amazonense. Mas o fotógrafo revela aos nossos leitores uma atitude, em que todos, contentes com o seu eu, e com os circunstantes, apreciam uma anedota que a inspiração do dr. João Alberto concebeu, através da mitica maliciosa dos nossos caboclos.

ESPELHO DA QUINZENA

COMISSIONADO pelo Governo do Estado, seguirá, para o Rio, pelo AFONSO PENA, o dr. Adriano Jorge que, apesar de Presidente da Academia Amazonense de Letras, é a mais luminosa e a mais erudita inteligencia que já frutificou nesta região.

Recebemos, com muito prazer, as tres primeiras edições da PARÁ-ILUSTRADO, simpática revista que se edita em Belem, sob a direção do médico e politico paraense Bianor Penalber. Colaborações escolhidas. Ilustrações sugestivas. Admiram-se nesse quinzenario, as figuras distintas da sociedade paraense e as paizagens mais lindas da Amazonia. O espirito agil de Edgar Proença, o humorista de maior publico no Pará e no Amazonas, atúa, expressivamente, nas suas páginas.

VIOLETA BRANCA, a notavel poetisa amazonense, nossa prezada colaboradora, é esperada, do Sul da Republica, pelo AFONSO PENA.

O MINISTRO JOÃO ALBERTO DEU-NOS ESTA AGRADAVEL NOVA: RAUL BOPP VAI FICAR MAIS PERTO DA GENTE. VAI SECRETARIAR O CONSELHO FEDERAL DO COMERCIO EXTERIOR.

ZACHEU SNUK

CORIOLANO DURAND

(CONCLUSÃO)

O CAIXEIRO, completando-lhe a fráse :
—Outra dóse.

ZACHEU SNUK
—Outra dóse...
O caixeiro vai retirar-se.
Atende !... reforçada...
Sem agua... simples... pura, isto é, não batizada.
A pureza, rapaz, é a nobreza das cousas,
Da estima e do rancor de todas as esposas,
Da fome e da fartura... E' a qualidade prima
Do mal sinistro e da bondade opima,
Do vicio e da virtude...
Faz, com o indicador e o medio, um V.
Acaso saberás
O que vem isto a ser? Vamos a ver, rapaz.

O caixeiro faz sinal negativo com a cabeça.

E' um V, meu doutor... o V. com que se deve
Grafar vicio e virtude (isto, quando se escreve
Corrétamente), vês?... Si, aos dois, V não puzeres,
Poderás escrever tudo quanto quizeres,
Nunca, porém, virtude e vicio. Eis a pureza,
Espirito que exalta a feiura e a beleza!...
Toma nota : Por mais que este planeta mude,
Um vicio sem pureza ainda é meia virtude;
Uma virtude impura é meio vicio. Assim...
Subitamente, mudando de tom :
Tu não bebes, pois não? Bem... bem, zomba de mim...
Ou lastima-me, então, enquanto todo mês,
de vintem a vintem, vais roubando o freguês,
Meu honesto caixeiro, oh! meu virtuoso amigo!
Apontando para si :
Bebedo puro,
Apontando para o caixeiro :
ladro impuro... E' o que te digo.
Cada um é bom ou mau conforme quer ou póde...

Faz um engrolado gutural, como um estertor, ar aborrecido de quem não quer mais tratar do assunto.

Não se incomode, vá, vá, vá, não se incomode.
Outra dóse, outra dóse.

Enquanto o caixeiro entra no café, Zacheu Snuk, só em cena, toma o copo de sobre a mesa e examina-o. Vendo-o vasio, atira-o raivoso ao chão. Neste momento, entra RENATO, que se senta á mesa que fica á direita de Zacheu Snuk.

O CAIXEIRO, trazendo a bebida solicitada por Zacheu Snuk :
—A outra dose, patrão.

Põe o copo em cima da mesa e dirige-se para Renato.

ZACHEU SNUK
—Obrigado. Está bem.
O CAIXEIRO, a Renato :
—Leite, manteiga, pão?

RENATO :
—Meu almoço de sempre.

O caixeiro entra no café
ZACHEU SNUK, em indiréta, a Renato :
—E' bom, mas não fustiga
Os nervos de um poeta. Entope-lhe a barriga
E só. Quanto á cabeça, é certa, frigideira,
Onde tempéra e guisa um zero co'uma asneira.

Toma do copo e levanta-o, como em saudação.

A inspiração cá está... Alma exul e sutil
De um deus que viu a luz num arco de barril,
Divisando, através desse infinito de aço,
O nada, o vacuo azul d'outro infinito — o espaço...
E, ao morrer, como a luz, num halo de grandeza,
Vendo da humana estirpe a estupida rudeza,
Legou nesta ambrosia, oh! gesto de piedade!
O extase do belo á bronca humanidade.

Com desprezo

Mas um verme e um batráquio andam sempre de rastros,
Não pódem contemplar a beleza dos astros.

Levanta-se e com voz estentórica:

Rastejai, lêsmas vis, cégas aos arrebóis!
Deixai ficar comigo este escrinio de sóis...
Este cofre feraz de excelsos pensamentos,
Erario de ilusões... Sonhos... deslumbramentos!
Quero sorver-te assim, sob o céu opalado,
Sereno como um deus, de pampanos coroado,
Em extase, fitando o mundo sideral,
Na mistica visão da Beleza Imortal!

Bebe e senta-se.

O EBRIO, furioso, saindo do café e falando para dentro :

—Isso, não, seu... Vai êle! Eu pago com dinheiro...
Mete a mão no bolso das calças e dêle nada tira.
Está aqui, está aqui!... Não é p'ra um taverneiro
Desfeitear o freguês.
Enquanto diz isto, vem aos recúos aproximando-se da mesa de Zacheu Snuk e a ela se senta.

A Zacheu Snuk :
Desculpe-me, seu chefe...

O caixeiro traz o almoço de Renato.

ZACHEU SNUK, a fitar o ebrio com desprezo, resmungando :
—Sordido!

O EBRIO, a Zacheu Snuk :

—Pois não acha? E' caso de tabefe...
Sordido! só bebi dois e cobra-me tres...
Eu não faço questão, mas roubar o freguês,
Isso não, isso não!...

Tocando no braço de Zacheu Snuk :

Não acha?

Zacheu Snuk volta-lhe as costas.

Mal acabo,
"Pague-me tres" diz êle. Hein? Tres?... Vá p'ra o diabo!
Bebedo, eu não estou... Dois!... Pago só dois...

Zacheu Snuk faz o engrolado.

Hein?

Não obtem resposta de Zacheu Snuk.

Mas tres?

Com um gesto de ameaça :

Isso, está aqui! Não sou pai de ninguem...

Toca segunda vez no braço de Zacheu Snuk.

Não acha, cavalheiro? Eu... Se deseja um abe...

Emendando-se

Um able...

ZACHEU SNUK, irritado, corrigindo :

—"Abre", senhor!

O EBRIO

—Sem cerimonia, sabe?
Pago eu...

Metendo a mão no bolso das calças, e por não encontrar nenhum dinheiro aí, procurando nas outras algibeiras :
eu pago... até tres, quatro, cinco, seis...
Não é p'ra se furtar assim, como êle fez...

Achando o dinheiro :

Bronze não falta aqui,

Para o café :

Mas cá desfeitas, nada!

A Zacheu Snuk :

Sem cerimonia, eu pago. Eu cá sou camarada.
Deixa o dinheiro em cima da mesa.
Mas a gente se dana... e eu quando me zango, ih!...

Toma o dinheiro de cima da mesa

O dinheiro está aqui...

Mostrando-o ao caixeiro :

Aqui! Aqui! Aqui!...
Bandalheiras assim nossa lei não protege...
E olhe, se duvidar, viro essa droga a frége.

A Zacheu Snuk:

Vamos lá seu colega, o que vai! Se eu puder...
Vai cerveja?... Um cognac?

Toca pela terceira vez no braço de Zacheu Snuk.

Vá, peça o que quizer.

ZACHEU SNUK, voltando-se, colérico :

—Por acaso supõe você que me embriaguei
P'ra um bebedo aturar?

O EBRIO :

—Perdão, mas eu pensei...
ZACHEU SNUK, cortando-lhe a palavra :
—Não pensou cousa alguma. E' pensar cousa imensa
P'ra um asno e um asno morre ex-abrupto, se pensa.

Ao caixeiro, levantando-se :

Se não queres aqui ter uma barafunda,
Tira-me de ante a vista essa toupeira imunda.
Esse herdeiro de Bacho, a quem o Olimpo cerra
Seus dourados portões e as marnotas da terra,
Com toda a sujidade, acolhe, nutre e atrai!

Iracundo, ao ebrio :

Fóra d'aqui! Ao lôdo! A' vasa! A' lama!... Vai!

Bate-lhe. O caixeiro e Renato acodem; este segura Zacheu Snuk, aquêle o ebrio.

O EBRIO, sob as pancadas :

—O que é isso, hein?

RENATO, tentando acalmar Zacheu Snuk :

—Que faz, oh! senhor Zacheu Snuk!...

Conseguem separá-los.

O EBRIO, agarrado pelo caixeiro :

—Mas o que é isso?

O CAIXEIRO, empurrando-o, fá-lo saír.

—Saia.

ZACHEU SNUK, mostrando o punho fechado :

—O peso do meu muque.

Os grandes líricos da Selva

VICTORIA-REGIA

Alfredo LADISLAU

"...em plena florescencia, deixa ver entre as immensas folhas redondas, semelhantes a verdes bandejas, ás vezes de metro e meio a mais de diametro, as suas não menos admiraveis flores, enormes bogarins de trinta, a mais, centimetros de diametro e quasi dois de altura, brancas com o centro rosco ao desabrochar, e olorosas, com o cheiro de boninas..."

(Dr. JOÃO SEVERIANO DA FONSECA. — Viagem ao redor do Brasil, vol. I, pag. 337)

Nesse inverno, as "aguas grandes" uniam ainda o pequeno Itacarará ao voltivolo Surubiú, fronteiriços a Alenquer.

Pedro Velho, meu companheiro em exercicios venatorios, ao vêr-me admirado ante o capricho infloreseente de veludosos nenuphares, perguntou-me se conhecia as formosas "estrellas dagua". E como lhe respondesse negativamente, prometteu conduzir-me, na manhã seguinte, a um lago, no centro de uma ilha, só accessivel por agua nas enchentes, por isso que, de vasante, o guardava com feroz ciume a braveza de adensado matagal. Moravam ellas nesse escuro recanto da varzea.

Quando sahimos, nessa manhã de Agosto, já o esbanjamento da luz equatorial perspectivava a cidade, as aguas e os campos em colorido diaphanorama, desmedido em todos os quadrantes. Pelas margens do paraná e terras que o separam do igarapé, a intemperante "floresta galeria", ébria de seiva, ostentava a referta folhagem, cujo verde, se alguma vez variava, era para acastanhar-se, tornando-se mais escuro ainda. A meio dos campos, já hervecidos, — arvores isoladas balizavam as planuras ainda submersas. A plena floração dos tachizeiros abria illuminuras doiradas no vende espesso da matta.

Deixamos o rio, aproando a canôa para os campos, forcejando-a com o varejão por sobre os matupás. A' nossa passagem, ficava a esteira do matto derreado, — linha sinuosa no compacto balcedo, onde uma profusa familia de plantas aquaticas se adensava entrecruzada, com pri mi da, agarrando-se mutuamente, com sofreguidões de naufragos, trocando abraços na ramaria fluctuante e permutando humus na mergulhada fulcra dos espongiolos.

Taes vegetações, entretanto, delatam estranho monopolismo sobre os terrenos. Na intransigencia de uma vida intensamente egoistica não admittem comparsas de outra familia. Os aningaes de esclerosos caules levantam-se em reboladas, entrincheirando-se; e os mururés, de brunidas folhas grossas, duras, espatuladas, cerram defensivas fileiras, desabrochando maguas, na evanescente garridice de suas flores lilazes. Apenas a canarana acceita a sociedade do capim membéca, formando com elle falsos arrozaes, parcamente pendoados.

Singramos, depois, estreitissimo canal, leito que foi de apagado corrego, e agora fugitiva trilha daguas escuras, espelhando no meio do hederoso descampado.

Distrahia-me, seguindo o voltear de um cordão de nervosas marrecas, quando o velho piloto, recolhendo, prestamente, o remo, annunciou, com alvoroçada expansão, o encantado recesso de sua exaltada maravilha.

O canal rasgou-se em larga extensão liquida, pesadamente immovel, quiéta, sem uma ruga, — disforme bloco de crystal, brusco e tristonho, horizontalmente aplanado, onde se reflectiam, com requintada minudencia, coloridas miniaturas do céo.

A' superficie dessas aguas immótas, debruçavam-se sumptuosas nymphaceas, cujas flores, como ampladas magnolias polypethalas, de gypsea candura, pareciam formadas pela intrajunção de grandes lirios esguios, desatando finissimas cambraias.

—Victorias-régias!... balbuciei desconsciente, commovido pela perturbadora esthése, com que me sobresalteava aquella suprema glorificação da belleza.

As folhas dos extraordinarios nenuphares eram dilatados circulos verdes, enrugados e brunidos, deitados á tona, como desmesuradas manchas de chlorophylla coagulada, ennodoando a face impassivel do lago. Corpulentos pedunculos, eriçados de longos e finos espinhos, emergiam da embruscada mole taciturna, — sustentando os aggressivos oiriços dos volumosos botões, igualmente recobertos de agudas cerdas. Esse exercito de aculeos defensivos apanhava-lhes as longas sepalas, concentrava-se nos achatados calices, descia pelas grossas cordas dos caules, subia pelos calibrosos peciolos e derramava-se nas costas das folhas, aculeando-lhes os caixotins das vigorosas nervuras.

Ao longe, garças preguiçosas vinham conferir seu trajo de noivado com o arminho das desmaiadas nymphéas; e de permeio, leves jaçanãs, espalmando azas afogueadas, abriam pyrogravuras japonezas na esmeralda das grandes bandejas polidas. Pelo ar lavado, doidas libellulas teciam a trama subtil dos vôos incertos. Um perfume agreste, fino, penetrante, — lembrando emanações de acido butirico, essencia concentrada de abricós, embalsamificava o ambiente.

Estavamos num recanto do lago, onde um grupo de aningas de um lado e a despropositada invasão das gramineas do outro, constrangiam o espaço das aguas, — impedindo que as folhas dessa prodigiosa planta equatorial se estirassem completamente. Por isso, os rebordos denticulados dos seus grandes tachos rasos, sobrecarregados de chrómula, mostravam-se ahi consideravelmente maiores.

Meu piloto, com parva satisfação espalhada na risonha face engelhada, embebia tambem a alma naquella belleza díspar da gloriosa "rainha dos nelumbos".

Procurei informar-me, com o astuto pescador, se não sabia de alguma lenda que se relacionasse com aquelle soberbo especimen da caprichosa flora regional.

Disse-me ter ouvido a um tucháua, nomeado Janary em sua tribu, e que ha oito annos descera pelo rio Curuá, uma engenhosa historia sobre aquella admiravel macrophylla da Amazonia.

Achara por demais phantastica a esquisita narrativa do grave e madrigaz cacique, e por isso não acreditara naquelle impossivel. No dizer do caviloso aborigene, aquella augustissima flor era a alma apaixonada de uma doente amorosa, que morrera suffocada nos seus insatisfeitos desejos. Esse absurdo sua ignorancia não acceitava. Sabia ser o indio uma creatura rude que, quando não comprehendia as cousas, inventava sobre ellas tudo quanto lhe vinha ao fraco entendimento. E a prova disso era a invenção sobre a maravilhosa origem daquella planta.

Encalhamos a canôa, emquanto o velho pescador narrava aquella mythologica concepção da imaginosa gente das nossas selvas.

Reproduzo-a, por outras palavras, infelizmente sem o pinturesco colorido dos commentarios com que o rustico remeiro annotava os lances mais inconcebiveis:

Ainda no começo do mundo, no seio da primitiva tribu, contavam os velhos adivinhos, senhores dos segredos da natureza, que, meiado o anno em deante, no periodo masculino da lua, quando esta se escondia no horizonte, illusionando descer a encosta posterior das serras, cohabitava com as venturosas virgens da sua predilecção.

O encanto desses connubios, mandavam os velhos que o imaginassem, porque a linguagem humana não o podia descrever.

Ora, aconteceu que a moça Nayá, filha do veneravel chefe, princeza da tribu, — de epiderme clara e cabelleira mais ruiva que uma estriga de milho verde, se impressionara com a suggestiva phantasia daquelles deificos amores. E por isso, noites avançadas, quando o somno fechava a vida da taba, e a erotica divindade simulava tocar nos longinquos cabeços, a tresloucada cunhan galgava as montanhas, sofrega de mergulhar a alma na involvencia daquelles luminosos afagos, tão exalçados pelos convincentes anciãos.

Affirmavam elles que a deusa hermaphrodita, com a radiosa insuflação de seus beijos, transmudava em luz o corpo das virgens predestinadas, apagando-lhes a tinta vermelha do sangue, vaporizando-lhes a carne rosada.

E fugia depois, conduzindo as afortunadas amantes, em abraços voluptuosos, sugando-lhes a vida, para deixal-as, assim desmaterializadas nos leitos nupciaes das nuvens elevadas.

E por essa fórma, iam nascendo as estrellas no céo...

Nayá ansiava pela maravilhosa mudança do seu grosseiro viver terreno naquella divina e sempiterna existencia etherisada.

Mas a realidade desenganava-a constantemente: ao vencer cada grimpa, já o perseguido e deluso noivo se debruçava noutra collina, mais fascinador e cada vez mais fugiente á sua doentia paixão.

Esse mal, languido e subtil, definhava a suspirosa e soffredora moça. Não houve filtros, destilados por mãos miraculosas de sabios pagés, nem sobrenaturaes sortilegios de elevada magia, capazes de cural-a daquelles morbidos anseios, aliás, tolerados, pela superstição de que o astro philogyno accederia aos loucos arroubos daquella demencia amorosa.

E assim vivia essa jovem enferma, a montivagar nas noites enluaradas, dilacerando-se pelas escarpas, uma Psychose viva, corporificada, aos boleus pelos declives, em gargalhadas, aos soluços, cantando delirios.

Certa vez, quando a sombra da insania mais lhe annuviava o toldado entendimento, viu no espelho de um lago, feliz e tranquillo, a imagem branca do pallido bem amado, faiscando luz.

Atirou-se ao pelago illuminado, bracejando agonicos paroxismos.

Semanas inteiras, a gente da tribu bateu, inutilmente, os negros arcanos das selvas, circumjacentes á grande taba.

Os deuses selvagens, entretanto, eram bons tambem e agradecidos. A lua, que gerara as aguas, os peixes e as plantas aquaticas, quiz recompensar o sacrificio daquella vida virgem. Recusando-se collocal-a no firmamento, fel-a "estrella das aguas", — transformando o lirio daquella alma nessa soberana nymphéa, — poema triumphal de côr e perfume, que cantará eternamente, nas classificações da nossa flóra.

Assim o realizára.

E quando fez nascer, do branco e macerado corpo da infeliz cunhan, a mysteriosa planta, desabrochou-lhe a immensa candura do espirito na grande flôr perfumada, abrolhando em espinhos toda a magua que tyrannizara a dementada donzella. Depois, dilatando tão justo premio, estirou-lhe, quanto poude, a palma das folhas, para maior receptaculo dos afagos de sua luz, amorosamente reconhecida.

A' noite, Nayá desnuda-se, desatando a roupagem esvoaçante das longas petalas, para receber, no thalamo das aguas mansas, os beijos opalizados do luar.

Esta é a lenda da Victoria-régia de Lindley.

Os inimigos do lirismo e muito mais das nossas coisas aborigenes, avenham-se com os selvagens, que inventam dessas tolices...

As victorias-regias do lago do MANIUM (Capital)

UM DOCUMENTO

A TRANSFORMAÇÃO DA REGIÃO DA MADEIRA MAMORÉ EM TERRITORIO FEDERAL

Moção de apoio dos habitantes de Guajará-Mirim ao presidente da Republica

Cogita-se de desmembrar a região de Madeira Mamoré, no Amazonas, para transformá-la em territorio federal.

Para execução da referida medida, o governo da União basear-se-á em um dos artigos da nova Constituição.

A proposito, os habitantes de Guajará-Mirim, vêm de se dirigir ao sr. Getulio Vargas, presidente da Republica, enviando a S. Excia. o seguinte oficio:

"Guajará-Mirim, 21 de março de 1938. — Exmo. sr. Presidente Getulio Vargas. — Palacio do Catête. — Rio de Janeiro.

Habitantes Guajará-Mirim informados que vossencia baseado artigo sexto nova Constituição Brasileira pretende desmembrar região Madeira Mamoré para transformá-la territorio federal visando assim sagrados interesses defeza nacional correm pressurosamente á sua presença para lhe hipotecar absoluta solidariedade na execução dessa patriotica medida. Realmente não é crivel que Estado Novo no seu largo programa de magnissimas realizações nacionais permita que suas abandonadas fronteiras Brasil Ocidental continuem sob desamparo em que até hoje vivido virtude precariedade meios por parte administrações estaduais a quem estão diretamente filiadas. Compete de fato aos poderes publicos federais em bôa hora dirigidos pelo espirito clarividente e sabedoria politica vossencia lançar suas vistas estas confiantes paragens proporcionando-lhes elementos indispensaveis para que possam em futuro não mui remoto apresentar-se como brilhantes parcelas de brasilidade intimamente integradas no seio da comunhão nacional. Confiados a vossencia de fato creará territorio federal zona Madeira Mamoré a grande aspiração de todos seus habitantes subscrevem-se com alto respeito em nome população local seguintes cidadãos: (aa) Paulo Saldanha, concessionario navegação; Monsenhor Francisco Xavier Rey, prelado Guajará-Mirim; Tancredo Braga, promotor de justiça; Manoel B. de Menezes, comerciante; Adalzira Braga Dias, coletor federal; Omilo de Melo Sampaio, escrivão da Coletoria Federal; A. B. de Arouca, comerciante; Moacir Pontes, gerente da "Pernambucana"; J. G. Amaral, comerciante; Manoel Domingues, industrial; Epifanio Mejia, comerciario; Severino R. Cavalcante, industrial; Eliezer Arouche, guarda-livros; Teofilo Nicolau, comerciante; Severino Cavalcante, comerciante; Hermes Ramos, funcionario estadual; Manoel Cacnlakis, ferroviario; Manoel Amaro Fernandes, funcionario federal; Manoel Nunes Monteiro, comerciante; Miguel Ribeiro, comerciante; Pedro Martins, comerciante; Almerindo Santos, ferroviario; Cristina Struthos, professora; Julio Castro, ferroviario; Tanouz Azzi, comerciante; Amercing Indiano, comerciante; George Frifiatis, ferroviario; Emilio Santiago, funcionario publico; José Ribeiro Dantas, funcionario municipal; Antonio Corrêa, funcionario estadual; Antonio Rodrigues, comerciante; José Martins, operario; Antonio Joaquim, comerciante; Luiz Vidal Negreiros, operario; João Freire de Rivoredo, funcionario publico; José Ribeiro, construtor civil; Fausto Luiz dos Santos, operario; Francisco Aguiar, comerciario; Paulo Struthos, comerciario; Raimundo Sobrinho, comerciante; Artur Carvalho, comerciante; Raimundo Alexandre, artista; Manoel Campelo, comerciante; Ali Safadi, comerciante; Alberto Chama, comerciante; Táles de Paula e Sousa, proprietario; Frederico Alves, agente postal; Clovis Ewerthon, funcionario federal; Leopoldo Costa, comerciante; Pedro Struthos, comerciante; Omar Morhy, comerciante; Ismael Silva, mecanico".

(D' "A Nação", do Rio, 2|4|38)

Esta composição já estava pronta quando adotámos a ortografia simplificada.

O INTERIOR

Municipio de BORBA

RELATORIO apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Interventor Federal no Amazonas, pelo bacharel em Direito, Arkbal Moreira de Sá Peixoto, Prefeito Municipal de Borba, em 3 de Abril de 1938.

Exmo. Sr. Dr. Interventor Federal.

E' com a máxima satisfação que venho perante V. Excia. apresentar o relatório do Municipio a mim confiado, o que faço na certeza de cumprir um dever sagrado para com os superiores e para com o povo, não raras vezes ludibriado em certas explanações de pessôas que menosprezam a verdade dos fátos, para propalarem ações e empreendimentos que nunca deixaram os reconditos obscuros da imaginação pelo dominio claro da realidade.

Na exposição, sucinta por natureza, do estado em que encontrei a vila e o municipio de Borba, não ouvi paixões politicas, não consultei interesses secundarios, apenas adstrito ao dever que me impuz de falar a verdade e toda a verdade. Limitar-me-ei a dizer o que vi e constatei, procurando alvitrar as medidas que julgo imprescindiveis á bôa marcha dos negocios municipais.

MUNICIPIO

O municipio de Borba, um dos mais extensos pelo território e dos mais promissores pelas riquezas que encerra em seu circulo de fronteiras, está dividido em nove distritos: Anamaã, Urucurituba, Rosarinho, Lago do Sampaio, Axini, Abacaxis, Caiçára, Araras e Aripuanã.

PRINCIPAIS PRODUÇÕES

Entre os produtos que mais contribuem para o desenvolvimento desta comuna notam-se a castanha, a borracha, o caucho, a sorva e couros vários, estando o transporte dos mesmos assegurado por navios de carreira regular e por um sem numero de lanchas e motores que lhe penetram os recantos mais afastados, levando aos moradores dos lagos e furos o conforto da civilização, compativel com as suas necessidades. Dada a facilidade de comunicação a ação das autoridades faz-se sentir, rápida e eficaz, em todos os pontos do seu vastissimo territorio.

FINANÇAS

O progresso material, na sua totalidade, e o conforto espiritual, em grante parte, dependem, nos Estados como nas Provincias, nos Municipios como nas familias, do equilibrio financeiro, sem o qual não é possivel adiantar um passo no dominio das realisações. O municipio de Borba é rico em produtos proprios do solo uberrimo desta região abençoada do Brasil; cada um deles constitue uma fonte de receita para o Estado e para o Municipio, reclamando apenas braços que os explorem, meios que os conduzam, energias que os transformem em ouro pelo trabalho beneficiador.

Apezar da superabundancia de possibilidades de fortuna, encontrei os cofres municipais desprovidos de qualquer economia. A arrecadação, apenas começada e mal orientada, por falta de administrador responsavel, estava sendo feita ao bel-prazer dos agentes-arrecadadores que, embora animados de bôa vontade, não podiam fazer uma coléta justa, dada a carencia de instruções. Apenas chegado, procurei inteirar-me da situação e dar aos exatores da fazenda municipal as instruções necessarias, tendo já colhido resultados satisfatorios.

Aqui permita-me V. Excia. expôr um caso em que este municipio é grandemente lesado nos seus interesses. A cobrança do imposto cedular pela fazenda estadual priva o municipio de uma das suas maiores possibilidades financeiras, dando margem a que seus produtos se escoem para as comunas limitrofes, levando-lhes uma riqueza a que não fizeram jús.

Sem pretender insurgir-me contra os legisladores que assim determinaram e reconhecendo que o Estado não é de modo algum prejudicado, peço a atenção de V. Excia. para este assunto do máximo momento para o Municipio, cujos interesses defendo. Como tambem o melhoramento das partes redunda sempre em proveito para o todo, ao Estado não desserviria a cobrança do dito imposto pelo municipio. No caso, porem, de não merecer de V. Excia. aprovação para o meu alvitre, lembro que ao municipio não seria dificil fiscalizar as embarcações que se prestam a subtrair ao controle das suas autoridades ou produtos dele extraídos.

VILA DE BORBA

Situada á margem direita do Madeira, em lugar elevado e aprazivel, Borba está fadada a ser um grande centro populoso, já por ser o coração de uma região riquissima em produtos naturais, já pela topografia mesma do lugar em que foi edificada. Sua ruas são bem traçadas, largas e paralelas, o que lhe dá fóros de cidade moderna.

O seu aspecto atual é simplesmente desolador: as casas, na quasi totalidade, não são dignas desse nome. Com efeito, exceção feita dos predios pertencentes á Prefeitura, daquele em que funciona a Coletoria Estadual e de tres ou quatro particulares, elas são construidas de palha — paredes, portas, janelas e této — inestéticas todas, em ruinas grande numero delas.

LIMPEZA PUBLICA

Não obstante dizer-se em Manaus que Borba é uma cidade limpa, encontrei as ruas muito sujas, cheias de capim alto, impossibilitando quasi o transito; algumas delas tinham sido limpas por ordem do Amanuense da Prefeitura, respondendo pelo expediente, sem o que seria impossivel passar-se do porto para qualquer casa da rua da frente, sem ter de atravessar um matagal que subiria aos joêlhos.

Não existindo turmas de trabalhadores da Prefeitura e encontrando-se os homens válidos dispersos pelos afluentes e confluentes do Madeira, entregues ao fabrico da castanha, tive dificuldade em contratar trabalhadores que procedessem á limpeza publica; sem embargo disso, já as ruas apresentam outro aspecto mais agradavel. Para tanto foi mistér dispender grande quantia de dinheiro, indo assim além do duodecimo previsto na lei orçamentaria. Nesta época do ano luto com dificuldade para encontrar operarios, quer pela ausencia dos mesmos, entregues a outros afazeres no interior do Municipio, quer pela indolencia dos poucos que aqui ficaram.

ILUMINAÇÃO PUBLICA

Com aumento da rêde de energia elétrica, de modo a permitir que todas as ruas fossem bem iluminadas, Borba ficou regularmente servida de iluminação publica. Ha, no entanto, uma grande falha na distribuição da luz. Com efeito, o bairro de "S. Sebastião", bastante populoso, foi esquecido pelos administradores que me precederam neste Municipio e permanece em completa escuridão. Sendo, como é de ver, uma necessidade de primeira ordem e constituindo um melhoramento notavel, redundante em beneficio para os moradores do dito bairro, o aumento da rêde de energia elétrica, abrangendo essa parte da vila, será uma realidade, caso a minha gestão mereça de V. Excia. a devida aprovação.

INSTRUÇÃO PUBLICA

Esta Prefeitura mantem tres escolas, das quais duas no interior e uma na vila. Das duas primeiras uma permanece fechada até esta data por falta de pessôa idonea que sacrifique seu relativo bem-estar aqui pelas incertêsas do interior virgem. As escolas estaduais, bastante numerosas, funcionam com regular numero de alunos.

Alem destas, existe ainda uma escola particular, dirigida por pessôa competente e inteiramente dedicada á nobilissima e ingrata missão de ensinar, sendo esta a que parece merecer a confiança dos pais, de vez que está sempre repleta de creanças.

ESTADO SANITARIO

A vila de Borba era o "Sanatorio" do Madeira, na frase do povo; hoje está convertida num hospital. Segundo um recenseamento que mandei fazer, dos novecentos moradores, ora residindo aqui, cento e trinta estavam prostrados pelas febres palustres, acontecendo frequentes vezes que, numa familia de 10 pessôas, não havia uma que pudesse dispensar assistencia a outra. Distribui os medicamentos que trouxéra comigo e os que encontrei no posto "Lauro Cavalcante", combatendo deste modo o mal inclemente que já tinha ceifado algumas vidas. Não poupo esforços no sentido de melhorar o estado sanitario da população. E' com esse intuito que pretendo mandar abrir fossas higienicas, segundo o modêlo aprovado pela Saude Publica em seu boletim n. 5 do ano 2.°, em substituição das existentes, absolutamente destituidas de assepsia. Para chegar a esse resultado a Prefeitura auxiliará os particulares com a importancia de 6:000$000, contribuindo assim para a extinção de um dos maiores fócos do micróbio do paludismo e da verminose.

Receitas uteis do Barão de Itararé

Para dar brilho aos olhos

Para dar brilho aos olhos e torná-los irresistiveis, as senhoritas devem, ao deitar-se, encerar o globo ocular, usando um pouco de cêra de carnaúba.

Depois de passar a cêra, dissolvida em algumas gotas de benzina de isqueiro, fricciona-se energicamente o globo ocular com o auxilio de uma escova de dentes ou de uma flanela aspera.

A senhorita, naturalmente, durante muito tempo, terá que usar oculos escuros, o que ainda mais realçará o brilho dos olhos.

A Exposição de produtos amazonenses no edificio da Standard Oil Company, no Rio de Janeiro

O CONTO DA QUINZENA

Sonho de Criança, Magua de Velho

Paulo não respondeu — ficou a contemplar os esqueletos das arvores do jardim encantado.

A senhora Claudel deu-lhe um suave beijo na fronte escalvada e murmurou sufocada, súplice :

—Juro-te, meu filho, que já me podes chamar "mamãe"! Procuro com toda a minha alma fazer-te feliz. Mas, ai ! de mim, receio que não tenha conseguido fazer-te bom.

Paulo fitou-a admirado, sorridente, e, subito, tomou-lhe as mãos e beijou-lh'as com emoção.

—Vamos passear, mamãe !

. . . .

—Paulo, has de descer com os olhos vendados, disse misteriosa a senhora Claudel.

E, depois de lhe passar um lenço em volta da cabeça para lhe tapar os olhos, empurrou a cadeira de rodas em que vivia o grande mutilado, que a tudo se ia prestando a sorrir, e fê-la entrar no ascensor.

Ele, sem dizer palavra, sentia uma especie de angustia que não sabia explicar e cuja causa ignorava. Era uma impressão de felicidade dolorosa, receio vago de ser feliz. E, tomado deste mal estar, buscava mentalmente a significação de todo aquêle misterio.

A cadeira rolou sobre as lages do peristilo. Depois, uma baforada de ar fresco banhou-lhe o rosto. A porta da rua abria-se ao mesmo tempo que a voz do porteiro lhe dizia afetuosa :

—Bons dias, senhor Claudel.

E a seguir, a voz de sua mãe :

—Vamos tirar-te agóra da cadeira.

—Para que, mamãe ? Quererás, porventura, que eu volte ao tempo em que gatinhava ?

—Quem sabe, meu filho?...

Volveu a assediá-lo, mais vivaz ainda, o pavor da ventura.

Braços fortes, que o retiraram da andadeira, abandonaram-no sobre assento brando e fôfo.

As mãos de sua mãe desataram-lhe a venda e... repentinamente, foi a luz, a luz plena ! E foi — diante dos seus olhos ofuscados e inquietos — o carrinho puxado por uma cabrinha lanzuda e cinzenta !

—E' o teu presente de anos, meu filho... é o teu sonho de criança.

E acrescentou com voz angusta :

—Perdôa-me...

Paulo depois de olhar para a multidão curiosa que contemplava aquêle velho sentado num carro de menino, beijou as mãos engelhadas da senhora Claudel e murmurou com uma lágrima a marejar-lhe os olhos —'a mesma, talvez, que aos seis anos fôra absorvida pelas suas palpebras timidas :

—O meu sonho de criança... a minha magua de velho. Obrigado, mamãe.

E partiu para o jardim de Luxemburgo, onde, certo, não encontrará os seus seis primeiros anos.

CORIOLANO DURAND

(CONCLUSÃO)

AGUIA MORTA

Agnelo BITTENCOURT
Presidente do Instituto Geográfico e Historico do Amazonas

como diante de um caleidoscopio em que as imagens eram sempre de um colorido proprio e muito vivo. Na roda em que estivesse Coriolano Durand, fazia-se o dono da palavra, teatralizando anedótas e casos oportunos, como ninguem mais sabia dizê-las, da mesma fórma que esplanando assuntos cientificos ou artisticos.

Conhecia profundamente a lingua francêsa, falando-a com a verdadeira pronuncia bulevardiana ou academica, conforme desejasse. Com que erudição discutia dificuldades do português ! Os idiomas inglês, italiano e latino tambem lhe foram familiares.

Mas, o pendor do Prof. Coriolano fugia da cátedra, que êle desempenhava, apenas, como um cumprimento de dever, faltando-lhe aquêle entusiasmo do verdadeiro profissional. Ele m'o disse algumas vezes. A sua inclinação literaria, natural, rumava o palco, sobretudo o genero "comedia". Aí estão o "Vende-se", a "A Chama", a "Marquesinha", etc., que alcançaram premios e arrancaram, da critica, os mais imprevistos elogios. O seu romance "O Homem Cambaio" é uma afirmação de psicólogo e um paradigma de estílo. Não obstante esse "cachet" da sua vocação, o saudoso professor fazia o que desejava, na seára alheia.

Diz-se que La Fontaine, já aos 40 anos, ainda não havia escríto um verso, nem feito uma fabula. Lendo, porém, Phedro, exclamou: "Eu tambem sou fabulista e poeta". E, logo, iniciou as suas famosas e inimitaveis fabulas.

Assim, o nosso biografado, diante de uns magnificos quadros a ólio, que a Prefeitura de Manaus acabava de adquirir, quando da gestão Aires de Almeida afirmaria, de si para si. Munido de pincel, palhêta e tintas, em breves dias, provocando o pasmo geral, concluia um lindo painel, que ficou exposto (e penso que ainda lá se acha) em uma das paredes do Gabinete do Prefeito...

Coriolano Durand, Senhora e filhos — drs. Paulo e Carlos DURAND

E se repetisse a proeza, seria um grande pintor.

Outra prova de seu talento multiforme : no governo do Prefeito Emanuel de Morais, aberta concurrencia para a construção dos "bungalows", que, depois, se edificaram á praça da Saudade, Coriolano os projétou e executou. Ninguem poderá contestar que a beleza e o arranjo arquitetónicos dessas habitações não sejam obra de técnico. No entanto, ali estavam, apenas, a inspiração do amador e a argucia do intelectual.

Na tribuna, suas orações fizeram época, todas avivadas de um grande patriotismo ou, melhor, de um acentuado glebarismo. Haja vista a saudação a Ribeiro Junior, que êle apelidou, num arroubo de eloquencia que eletrizou as massas, "o doce Jesus de minha terra". Outro discurso não menos eivado de unção civica e iluminado de transporte de genio, foi o proferido em homenagem ao general Mena Barreto, saudando-o, no Ideal Clube, em nome do povo manauense.

Professor, deputado, guarda-livros, beletrista, chefe de familia era, sempre, o apreciado Corió, apezar da sua esquivança e modestia.

A êle, poderiamos aplicar um pensamento de S. João (Ep. versiculo 35): "Ille erat lucerna ardens et lucens". Sim ! Lampada abrazada e luminosa : abrazada no calor da crença e do entusiasmo; iluminada, nas fulgurações da inteligencia.

Quando um homem, desse jaez, desce á voragem de uma sepultura, não morreu completamente. Algo de espiritual e eterno subsiste nas ações do pensamento. Daí, Alves Mendes ter afirmado : "Por traz de um tumulo, surge uma nova aurora..."

Os predestinados têm o seu logar na eternidade. Dir-se-á que não é assim, porque a morte nivela as pessoas. Mas, digamos como Tacito (Hist. liv. I), referindonos ao Prof. Coriolano Durand : "Ela se distingue pelo nome que cada um fez".

A aguia, que morre, deixa o seu ninho e o calor do seu corpo, nas cumiadas dos Andes...

Manaus, 27|3|1938.

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura